



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

Fernando Sampaio Campos

Mobilidade humana, livros e personagens: a produção de diferença na literatura

Belém
2019

Fernando Sampaio Campos

Mobilidade humana, livros e personagens: a produção de diferença na literatura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Pará como requisito final para obtenção do grau de Bibliotecário.
Orientador: Prof. Dr. Rubens da Silva Ferreira.

Belém
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C198m

Campos, Fernando Sampaio

Mobilidade humana, livros e personagens : a produção de diferença na literatura / Fernando Sampaio Campos. – 2019.

92 f.

Orientador: Rubens da Silva Ferreira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Faculdade de Biblioteconomia, Belém, 2019.

1. Escritos de viajantes. 2. Viagens. I. Ferreira, Rubens da Silva, orientador. II. Universidade Federal do Pará. Faculdade de Biblioteconomia.

III. Título

CDD 22. ed.: 809.9332

Fernando Sampaio Campos

Mobilidade humana, livros e personagens: a produção de diferença na literatura.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Pará como requisito final para obtenção do grau de Bibliotecário.

Prof. Dr. Rubens da S. Ferreira
Docente – FABIB/ICSA/UFPA
Orientador

Prof. Dr. Carlos Antonio Braga de Souza
Docente - FABIB/ICSA/UFPA
Avaliador

Prof. Dr. Lucivaldo Vasconcelos de Barros
Docente - FABIB/ICSA/UFPA
Avaliador

Dedicado à Gregory Bateson

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Professor Rubens da Silva Ferreira por seu valoroso empenho como professor, orientador e ser humano. Todos os professores que de algum modo, quase imperceptível, contribuíram para o reforço de meu aprendizado. Outros avançando um pouco além, contribuíram não somente no âmbito acadêmico, porém, na vida também: Professor Rubens Ferreira, Professor Luis Otávio, Professor Lucivaldo Barros, Professora Oderle Milhomen, Professora Francielle Redigolo, Professora Marise Condurú, Professor Williams Pinheiro, Professor Rodrigo Canal, Professora Raimunda Sampaio.

Não posso esquecer de estender meu reconhecimento à entidade Universidade Federal do Pará pelas oportunidades oferecidas, especialmente, na Iniciação Científica, e à Faculdade de Biblioteconomia pelo suporte. Além disso, é relevante mencionar minha Mãe, Anita Sampaio Campos, que viajou e migrou por esse país, alterando sua identidade diversas vezes diante das adversidades surgidas durante o circuito de sua mobilidade e que foi *mudada, modificada e transformada* pelo contato com *novas informações* que se apresentavam a cada avanço seu num novo território. Essa descoberta (em nível pessoal) somente foi possível após o professor Rubens ter me convencido da coerência em estender a pesquisa direcionando-a para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso.

Profunda gratidão a André Leite, Hamilton Nogueira e ao Joe-Joe (e todos os outros) pela preciosa companhia. Aos membros do Positive Punk Movement por sua dedicação em fazer do mundo um lugar mais equilibrado diante da complexa multidiversidade – multicores, multigêneros, multiétnicas, multirraciais, multi-ideológicas - cultural para que todos possam manter sua diferença – e principalmente, aceitar a diferença do outro - como uma virtude sob a égide do respeito para que possamos ter orgulho de integrar uma sociedade em que *cada um e todos sejam, juntos*, considerados fundamentais para sua existência.

“É na mudança que achamos um propósito”.

Heráclito

RESUMO

Busca identificar, com base na experiência migratória em forma de prosa, quais são os efeitos decorrentes do contato com a cultura do outro. Nessa direção, personagens reais são analisados sob a ótica da produção de diferença, um exercício conceitual desenvolvido com base nos trabalhos de Gregory Bateson e Benedict Anderson. No desenho metodológico o estudo se fundamenta na pesquisa bibliográfica sobre o gênero literatura de viagem, o conceito de informação e o conceito de produção de diferença. O *corpus* do estudo é formado por três livros, a saber: “De moto pela América do Sul: diário de viagem”, de Ernesto Che Guevara; “Transplante de menina: da rua dos navios à rua Jaguaribe”, de Tatiana Belinky; “Sete Anos no Tibet”, de Heinrich Harrer. Com base na leitura dessas obras os termos significativos presentes nos discursos das personagens foram submetidos à Análise de Conteúdo (AC), conforme as orientações metodológicas de Laurence Bardin. Os resultados demonstram que os autores são ao mesmo tempo narrador e personagem que se tornam outro ao longo da experiência migratória em outro país, à medida que conhecem outros modos de viver, pensar, falar, agir e ser. Nessas narrativas, observa-se também que, como nas experiências migratórias que acontecem no mundo real concreto, o processo de conhecer e de aprender vivendo em outra realidade espaço-cultural é marcado por dificuldades como o choque cultural e de valores, o que leva as personagens a repensarem a identidade. Por fim, a literatura é entendida como outro recurso possível não somente para investigar, mas também para ensinar/aprender sobre o fenômeno migratório, sobretudo ao fornecer informações suficientemente detalhadas sobre a terra do outro e a subjetividade dos protagonistas que se lançam tão intensamente à experiência da mobilidade.

Palavras-chave: Mobilidade humana. Migração. Literatura. Livros.

ABSTRACT

The study seeks to identify, based on prose migration experience, what are the effects of contact with the other's culture. In this direction, real characters are analyzed from the perspective of difference production, a conceptual exercise developed based on the works of Gregory Bateson and Benedict Anderson. In the methodological design the study is based on bibliographic research on the travel literature genre, the concept of information and the concept of difference production. The *corpus* of the study is made up of three books, namely: "De moto pela América do Sul: diário de viagem", by Ernesto Che Guevara; "Transplante de menina: da rua dos navios à Rua Jaguaribe", by Tatiana Belinky; "Sete anos no Tibet." by Heinrich Harrer. Based on the reading of these works the significant terms present in the speeches of the characters were submitted to Content Analysis (AC), according to the methodological orientations of Laurence Bardin. The results show that the authors are both narrator and character who become different throughout the migratory experience in another country, as they know other ways of living, thinking, speaking, acting and being. In these narratives, it is also observed that, as in the migratory experiences that take place in the concrete real world, the process of knowing and learning living in another space-cultural reality is marked by difficulties such as the culture and values shock, which leads to characters to rethink their identity. Finally, literature is understood as another possible resource not only to investigate, but also to teach / learn about the migratory phenomenon, especially by providing sufficiently detailed information about the other's land and the subjectivity of the protagonists who so intensely launch themselves into the experience of mobility.

Keywords: Human mobility. Migration. Literature. Books.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	METODOLOGIA	13
2.1	Levantamento bibliográfico	15
2.2	O Corpus	15
2.3	A coleta de dados	18
2.4	A análise	19
3	REFERENCIAL TEÓRICO	20
3.1	A informação	20
3.2	A identidade e subjetividade	25
3.3	A produção de diferença	27
4	Resultados e discussão	29
4.1	Resumo biográfico de Ernesto Guevara de La Serna	30
4.2	Sobre o livro	32
4.3	A produção de diferença em De moto pela América do Sul	37
4.4	Resumo biográfico de Tatiana Belinky	50
4.5	Sobre o livro	54
4.6	A produção de diferença em Transplante de menina	55
4.7	Resumo biográfico de Heinrich Harrer	63
4.8	Sobre o livro	67
4.9	A produção de diferença em Sete anos no Tibet	72
4.10	Breves discussões sobre as obras	80
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
	REFERÊNCIAS	89

1 INTRODUÇÃO

No mundo real concreto, no cinema e mesmo na literatura as viagens figuram como experiências desencadeadoras de mudança em quem as experimenta. Pode-se dizer que essas alterações na dimensão psicossocial dos viajantes surgem como o resultado do contato com a novidade, com cultura do outro em sua ambiência particular. Isto é, do encontro no tempo e no espaço com uma sociedade marcada por outros modos de ser, pensar, sentir, viver e conhecer que resulta em um processo de produção de diferença, conforme sugerem alguns estudos que ajudam a pensar a mobilidade humana (BATESON, 2000; ANDERSON, 2008; FERREIRA; ALBAGLI; CORSINI, 2018). Nessa direção, esta pesquisa resulta da vivência construída como bolsista de Iniciação Científica (IC)¹ da Universidade Federal do Pará (UFPA) no período 2018-2019 no projeto de pesquisa “Estudar na ‘terra do outro’”, coordenado pelo professor Rubens Ferreira.

Em sua concepção, a pesquisa produz um olhar voltado para a literatura de viagem com o objetivo de compreender a noção de *produção de diferença* (BATESON, 2000; ANDERSON, 2008; FERREIRA, 2017; FERREIRA, ALBAGRI, CORSINI, 2018). Em termos específicos, pretende-se: articular o conceito de informação com a noção de produção de diferença; identificar, na literatura mobilizada, as mudanças experimentadas pelas personagens com base no contato com novas informações e conhecimentos ao longo das diferentes experiências de deslocamento² empreendidas; tipificar as informações e os conhecimentos associados aos processos de diferenciação vividos pelas personagens.

Conduzida pelos objetivos apresentados acima, esta pesquisa propõe as seguintes questões: como a informação aparece nos processos de diferenciação experimentados pelos personagens? O que tem a literatura a nos dizer sobre processos de produção de diferença experimentados em deslocamentos no espaço geográfico? Quais são as diferenças experimentadas pelas personagens?

¹ A pesquisa aqui apresentada é um desdobramento de plano de trabalho “Viagens, livros e leitura: a produção de diferença na literatura”, conduzido com bolsa do Programa de Iniciação Científica da UFPA (PIBIC/UPFA). Em 2017, o ingresso na IC ocorreu no mesmo projeto, mas com a execução do plano de trabalho “Fontes de informação sobre migrações na Internet”, também com bolsa PIBIC/UFPA.

² A palavra deslocamento é aqui usada em sentido geral como movimento, independente dos fatores que o provocam. Ela também será usada como sinônimo de viagem, uma vez que, de acordo com o dicionário *online* Caldas Aulete, esse termo tem como sentido: “Deslocamento de um lugar a outro, ger. em distância longa; jornada”. Disponível em: <http://aulete.com.br/viagem>. Acesso em: 18 out. 2019.

Ao se pensar na contribuição para a formação acadêmica, o trabalho permite o contato discente com a pesquisa pela IC, precisamente na condução de uma discussão que extrapola os limites curriculares para a sala de aula, onde disciplinas específicas tratam sobre conteúdos restritos à formação dos futuros bibliotecários. Assim, importante nesse sentido é a oportunidade para o exercício de um diálogo interdisciplinar entre Biblioteconomia, Literatura e Ciência da Informação (doravante CI), incorporando também a teoria social com o propósito de ampliar os horizontes dos estudantes quanto à complexidade e às ambivalências que se associam ao conceito de informação, que, como bem ensina Marteleto (2007), consiste em um conceito "viajante", à medida que atravessa as fronteiras dos diferentes domínios disciplinares.

Como um estudo que se insere no campo da CI, adota-se aqui a premissa de Ferreira (2017) de que o contato com novas informações e conhecimentos implica processos de diferenciação. Melhor dizendo: na experiência da mobilidade (viagem, migração e refúgio), as pessoas entram em contato com intangíveis da cultura do outro que afetam a bagagem infocognitiva³, ampliando e modificando ideias, valores, crenças, hábitos e mesmo formas de comportamento preexistentes ao deslocamento geográfico.

O componente informacional e cognitivo envolvido nas experiências de viagens dentro de um mesmo país ou mesmo na "terra dos outros" – para usar uma expressão de Gomes (2002) – é utilizado neste trabalho em seu sentido vivo. Isso significa dizer que a informação que interessa a esta pesquisa não está presa às formas documentais das quais normalmente a CI e a Biblioteconomia se ocupam, apresentadas em suportes como livros, revistas, relatórios e outros. Ao contrário disso, trabalha-se aqui com uma noção de informação viva que Ferreira (2017) constrói com base no pensamento de autores Pós-Operaístas⁴ (LAZZARATO;

³ De acordo com Ferreira (2017, p. 62), o infocognitivo corresponde a atributos referentes ao conceito de trabalho imaterial que na perspectiva das sociedades pós-industriais mobiliza habilidades comunicacionais, linguísticas, afetivas e cooperativas que estão subjacentes a esse tipo de trabalho que transcende a mecanicidade do corpo e se centraliza no uso do cérebro em todo o seu potencial produtivo, criativo e afetivo.

⁴ O Pós-Operaísmo é um desdobramento sustentado nas ideias do Operaísmo, movimento revisionista da teoria marxista que ganhou corpo na Itália no final dos anos de 1950. Segundo Sandro Mezzadra (2014) surgiu no início dos anos 1990 na Itália, quando um novo movimento estudantil e a consolidação do movimento dos centros sociais abriram novas possibilidades para a ação política radical e o pensamento ligadas à duas publicações *Luogo comune* (Lugar comum) em Roma, com Paolo Virno e *Futur Antérieur* (Futuro anterior) em Paris, com Antonio Negri, lançadas para contribuir com um exame crítico e a renovação do legado do Operaísmo. Desenvolveram um debate sobre o "pós-fordismo" e nos anos seguintes promoveram uma nova leitura do conceito de *general intellect* de

NEGRI; 2001; NEGRI, 2003; COCCO, 2001; PASQUINELLI, 2011), ou seja, vislumbrando a informação no fluxo das relações sociais por e entre pessoas no cotidiano.

Assim, expostos estes esclarecimentos iniciais, este trabalho está organizado em cinco capítulos. A metodologia é trabalhada no capítulo segundo. O capítulo terceiro consiste na apresentação do referencial teórico no qual importa discutir o conceito de *informação, identidade e produção de diferença*, todos eles centram na compreensão dos livros que integram o *corpus* da pesquisa. Os resultados são apresentados e discutidos no capítulo quarto. A última parte é reservada às considerações finais.

Marx como forma de realçar o papel do conhecimento e da linguagem na composição de trabalho, denominada e explorada pelo capital, discussão ancorada no conceito de “trabalho imaterial” com destaque para a mobilidade do trabalho, o que conduziu alguns teóricos “pós-operaístas” a propor a teoria da “autonomia da migração” e no conceito de “multidão” elaborado por Negri. Os temas foram reelaborados para captar a heterogeneidade “técnica” da composição do trabalho, e desde então, propor uma forma de organização política além da tradição do movimento do trabalho.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa é concebida em uma perspectiva interdisciplinar, tecendo um itinerário de viagem pelos domínios conceituais da Ciência da Informação, da Antropologia e da Literatura, abrindo-se ao debate com outras áreas sensíveis aos estudos sobre a mobilidade humana. Segue-se, assim, uma abordagem qualitativa, à medida que se dirige à identificação e caracterização dos processos de mudança experimentados pelas personagens na experiência da mobilidade no espaço geográfico.

A definição de pesquisa qualitativa adotada se apoia nos argumentos de Chizotti (2006) que considera que é um tipo de método de investigação de base linguístico-semiótica utilizada principalmente em ciências sociais. Ele afirma que:

As ciências que pressupõem a ação humana devem levar em conta a liberdade a vontade humanas e estas sempre interferem no curso dos fatos e dão significados muito diversos à ação; por isso, tendem a recorrer a esse tipo de pesquisa para encontrar informações seguras que suportem a interpretação (CHIZOTTI, 2006, p. 33).

As técnicas qualitativas são diferentes da pesquisa estatística e do experimento científico referente ao modelo de pesquisa quantitativa, que atribui valores numéricos às declarações ou observações, com o propósito de estudar com métodos estatísticos possíveis relações entre as variáveis. Para ele:

As ciências naturais privilegiam esse tipo de pesquisa porque os objetos naturais são determinados, estáveis, manipuláveis e, por isso, é possível analisar a constância em que ocorrem e submetê-los a condições laboratoriais de controle e verificação (CHIZOTTI, 2006, p. 32).

Na investigação qualitativa procede no recolhimento dos discursos completos dos sujeitos, para proceder então com a sua interpretação, a análise das relações de significado que se produzem em determinado contexto cultural. As pesquisas qualitativas não são determinadas por um padrão único, pois é preciso admitir, a fluidez e contradição da realidade, além disso, deve-se levar em consideração aspectos relacionados ao pesquisador, tal como sua concepção de mundo, seus objetivos, seus valores que influenciam no processo de pesquisa.

As pesquisas qualitativas dispõem de muitas opções de técnicas para gerar dados que vão desde desenvolvimento e prática fundamentada da teoria, a narratologia, que segundo Jahn (2017, p. 32):

[...] é o estudo das narrativas de ficção e não-ficção, como a História e a reportagem, por meio de suas estruturas e elementos. É um campo de estudos particularmente útil para a dramaturgia e o roteiro de audiovisual, como o cinema, os quadrinhos, os jogos digitais e a televisão. A narratologia foi consolidada como ciência por pesquisadores franceses como Roland Barthes e Gérard Genette e pela chamada Escola Formalista Russa, de A.J. Greimas, Vladimir Propp e outros. Outro notório estudioso da narratologia é o italiano Umberto Eco.

Nesse sentido ainda existe a narrativa em prosa, transcrição de poesia, entrevistas biográficas narrativas, etnografia clássica, estudos de documentos de Estado ou governamentais, documentos de arquivos de pesquisas, dados sobre serviços, grupos focais, estudos de caso, observação participante, revisão qualitativa de estatísticas para estimar ou mesmo prever acontecimentos futuros, entre muitos outros.

Os métodos qualitativos são usados em várias abordagens metodológicas, como a pesquisa-ação que tem base sociológica ou a teoria ator-rede, que é uma corrente da pesquisa em teoria social que se originou na área de estudos de ciência, tecnologia e sociedade na década de 1980 a partir dos estudos de Michel Callon, Bruno Latour, Madelaine Akrich, entre outros. A teoria também é chamada de sociologia da tradução, um dos conceitos mais importantes utilizados pelos autores fundadores. Este estudo sociológico tinha como objetivo explicar o nascimento dos fatos científicos e é utilizada também, para explicar novos paradigmas da comunicação que passam a existir com a cultura contemporânea.

Portanto, o método qualitativo foi adotado nessa pesquisa considerando seu alcance para responder às questões propostas pela pesquisa. O *corpus* se refere a textos de conteúdo autobiográfico que encontra base no capítulo 3, História de vida do livro de Chizotti (2006) em que discute a autobiografia. Para ele:

A autobiografia é uma história da vida escrita pela própria pessoa sobre si mesma, ou registrada por outrem, concomitante com a vida descrita, na qual o narrador esforça-se para exprimir o conteúdo de sua experiência pessoal. O autor seleciona e analisa fatos, experiências, pessoas e estágios relevantes de sua vida, interpretando sua história pessoal, o contexto e as contingências do curso da própria vida, criando um texto no qual tem voz privilegiada, imprime uma tônica subjetiva aos fatos e pessoas, transita

entre real e ficcional, inscreve-se, de modo claro ou latente, em uma realidade social e se constrói como uma individualidade histórica (CHIZOTTI, 2006, p. 107).

Isso demonstra a coerência na escolha do método para proceder a investigação. A pesquisa orientada pela técnica qualitativa não se detém somente a dados mensuráveis ou em fenômenos demonstráveis em processos laboratoriais, a realidade apresenta eventos que se manifestam em fluxos variáveis que estão muito além do panorama metodológico quantitativo, pois considera **o sujeito nas interações com os outros e com a sociedade** (CHIZOTTI, 2006, *grifo nosso*), e é tão indispensável, como um ponto de equilíbrio entre as ciências naturais e as ciências sociais, quanto possível como pode ser comprovado em inúmeros estudos realizados ao longo da história da pesquisa científica.

2.1 Levantamento bibliográfico

Conforme Eco (2007), o levantamento bibliográfico consiste em uma atividade seminal na pesquisa, tendo como objetivo a identificação e seleção de fontes que se relacionam direta e/ou indiretamente ao tema investigado, sobretudo para ajudar o pesquisador a conhecê-lo do ponto de vista teórico-conceitual. Com efeito, a ferramenta de busca da Google foi utilizada na localização de trabalhos acadêmicos em formato “PDF” como artigos, teses e dissertações que relacionam ao conceito de produção de diferença, identidade e informação.

O catálogo da Biblioteca Central Prof. Dr. Clodoaldo Beckmann permitiu o acesso a alguns dos livros utilizados no referencial teórico. Além disso, parte da bibliografia resultou da pesquisa conduzida durante os anos de IC na UFPA.

2.2 Corpus

As fontes de evidências com as quais foi efetuado o trabalho correspondem a três livros previamente selecionados em função da abordagem a temas que se relacionam com três tipos de mobilidade: viagem; migração e refúgio.

Conforme o Dicionário Caldas Aulete (2011, p. 1411), viagem significa: Deslocamento de um lugar a outro, geralmente, em distância longa; [...].”

Os termos migração e refúgio têm sido bastante discutidos na literatura recente nas Ciências Sociais e nas Ciências Sociais Aplicadas. Com base no glossário da International Migration Law (2019), esses dois termos são trabalhados nesta pesquisa com os seguintes sentidos:

- a) Migração: “A circulação de pessoas para longe do local de residência habitual, através de uma fronteira internacional ou dentro de um Estado.”;
- b) Refúgio: “Uma pessoa que, devido a um medo bem fundamentado de perseguição por razões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um grupo social ou opinião política específica, esteja fora do país de sua nacionalidade e seja incapaz ou, devido a esse medo, não quer se valer da proteção daquele país; ou que, não tendo nacionalidade e estando fora do país de sua antiga residência habitual como resultado de tais eventos, seja incapaz ou, devido a esse medo, não esteja disposto a voltar a ele.”

É necessário considerar que o fenômeno da mobilidade humana materializados como modalidades diversas com significado próprio (migração, refúgio, exílio) possui fundamento jurídico. A emigração é consagrada na lei fundamental, do princípio nº 2 do artigo 13º da Declaração Universal dos Direitos do Homem (UNESCO, 1998) no qual consta que: “Toda a pessoa tem o direito de abandonar o país em que se encontra, incluindo o seu, e o direito de regressar ao seu país.” Portanto, combinado a necessidade, ou por força de episódios de violência, diferenças ideológicas, políticas, religiosas, hecatombes, guerras, desastres naturais, instabilidade econômicas ou qualquer razão de qualquer ordem, o ser humano pode optar por se deslocar no espaço geográfico se isso for de sua vontade, pois é um direito garantido e reforçado por organismos reguladores legítimos para que tal objetivo seja almejado.

No contexto sociológico, a emigração consiste no abandono voluntário da pátria de maneira temporária ou permanente, por motivos políticos, econômicos ou religiosos. A emigração significa para o país de origem uma perda de mão-de-obra, mas no caso dos países superpovoados essa perda é compensada pelos numerosos postos de trabalho que ficam vagos. Para o país que recebe os

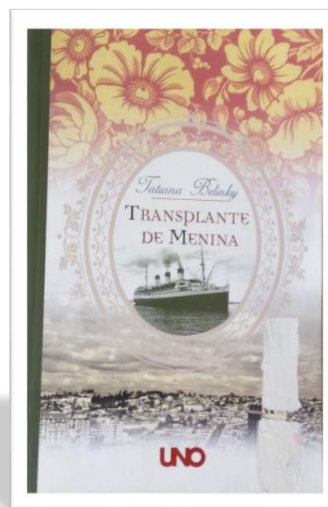
emigrantes, estes são úteis quando a expansão da economia necessita de mais pessoal produtor.

É indispensável esclarecer a diferença entre Migração, Emigração e Imigração. Para a Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2009) Emigração, significa deixar o local de origem (a pátria) com intenção de se estabelecer em um país estrangeiro. Um indivíduo que se encontra nesta situação é denominado na sua pátria por emigrante. Imigração é o fenômeno protagonizado pelo mesmo indivíduo, mas visto pela perspectiva do país que o acolhe. Ou seja, é a entrada de quem vem do exterior para fins de trabalho e/ou residência, passando a ser denominado por imigrante. No contexto dessa pesquisa foi feita opção pelo termo migração por ser considerado mais abrangente.

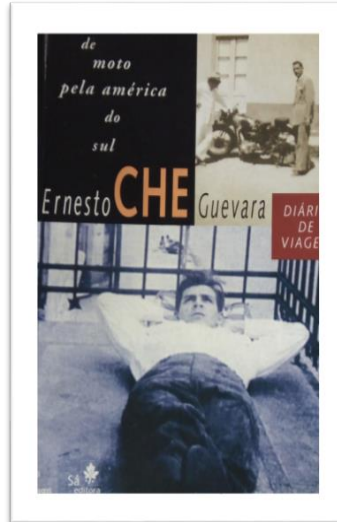
Esses termos são utilizados a partir da identificação da modalidade característica apresentada por cada um dos narradores-personagens em suas narrativas integradas ao *corpus* do trabalho e aos documentos biográficos e autobiográficos consultados durante a pesquisa.

Essas publicações formam o *corpus* submetido à leitura e à análise, a saber:

- BELINKY, Tatiana. **Transplante de menina**: da rua dos navios à Rua Jaguaribe. São Paulo: Uno, 2008. 160 p.



- GUEVARA, Ernesto Che. **De moto pela América do Sul**: diário de viagem. 2 ed. São Paulo: Sá Editora, 2001. 190 p.



- HARRER, Heinrich. **Sete anos no Tibet**. São Paulo: L & PM, 2007, 327 p.



2.3 A coleta de dados

A coleta dos dados com potencial de indicar processos de diferenciação experimentados pelas personagens, bem como as informações e os conhecimentos que estão na base desse processo resultou da leitura das obras que integram o *corpus* da pesquisa.

Na atividade de coleta de dados foi fundamental o registo dos dados obtidos por meio da leitura dos livros em uma ficha, dividida em duas partes, uma referente aos dados bibliográficos e outra relativa aos dados de conteúdo, contendo os seguintes campos: autor; título; perfil psicossocial da personagem; local de destino da viagem; objetivo da viagem; diferença identificada na personagem; informação/conhecimento que contribuiu para a produção de diferença na personagem; citação literal do texto com menção à diferença; paginação para localização da citação.

2.4 A análise

Os dados resultantes da leitura do *corpus* foram submetidos à Análise de Conteúdo (AC), que de acordo com Bardin (2011) corresponde a um conjunto de técnicas aplicadas à análise da comunicação, compreendendo, basicamente, as seguintes etapas de: (1) organização da análise; (2) codificação; (3) categorização; (4) e inferência. Com efeito, nesse momento da pesquisa o foco incidiu na construção e na interpretação das categorias sobre as informações, os conhecimentos e as diferenças envolvidas nos processos de diferenciação vividos pelas personagens. O produto desta atividade é apresentado e discutido no capítulo quarto.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Em linhas gerais, esta pesquisa está centrada na compreensão sobre como a informação aparece nos processos de diferenciação experimentados pelas personagens. Particularmente as personagens sobre as quais se ocupa aqui são pessoas que vivenciaram a mobilidade de forma real e socializaram o produto dessa experiência na forma de livro.

No propósito de compreender diferentes experiências de mobilidade, esta pesquisa se sustenta nas discussões sobre o conceito de informação, identidade e subjetividade, e produção de diferença.

3.1 Informação

O conceito de informação pode ser definido entre outras possibilidades como um conjunto organizado de dados que, em sua integridade, produz o sentido de conhecimento transmitido em determinada situação de comunicação (CAPURRO; HJORLAND, 2007).

É necessário observar que a informação não pode ser pensada somente pelo prisma formal. Segundo Capurro e Hjørland (2007), a apropriação de um termo comum como informação pode revelar significados diferentes em diferentes áreas, às vezes envolvendo visões teóricas conflitantes entre as definições científicas explícitas e as definições implícitas do uso comum.

Ferreira (2017) citando Schrader (1983) diz que existem mais de cem definições de informação disponíveis na literatura. Em razão disso, Capurro e Hjørland (2007) recomendam que o termo seja sempre definido pelo pesquisador de acordo com o quadro teórico de referência adotado na pesquisa.

Uma definição baseada na etimologia da palavra pode indicar variação ao longo do tempo, considerando as mudanças históricas nos contextos de uso e no estado da arte. Tal como afirmam Capurro e Hjørland (2007, p. 155): “A palavra *informação* têm raízes latinas (*informatio*). O Oxford Advanced Learner’s Dictionary (2010) aponta como resultado: “[...] do latim: ideia, concepção. Inglês Médio: instrução, ensino, formação da mente”. Essa noção está em concordância com Capurro e Hjørland (2007, p.155) ao constatarem que: “[...] no *The Oxford English Dictionary* (1989) [...] dois contextos básicos nos quais o termo *informação* é usado:

o ato de moldar a mente e o ato de comunicar conhecimento [...] estas duas ações são intimamente relacionadas”.

Recorrendo às reflexões de Marteleto (2007) pode-se acrescentar ainda que a informação está localizada num nível de mobilidade, de manifestação expressiva e de disposição sistemática de significados. Mostra essa autora que informação é um “conceito-passagem” ou “conceito-viajante”, que pode ser localizado no interior e no exterior das disciplinas, pois:

Ele muda as paisagens nas quais se desloca, e ele próprio muda com elas, sem perder, no entanto, a sua identidade. Os conceitos de viagem, assim como as pessoas de viagem, assumem uma função de junção e de superposição do específico e do universal... (BAREL; CAUQUELIN, 1993, p.184-185 *apud* MARTELETO, 2007).

Em uma perspectiva transversal, a informação atravessa diferentes campos disciplinares se transformando por onde quer que passe, sempre se ajustando às necessidades semânticas de cada área do conhecimento. Uma experiência que se assemelha ao que é vivenciado pelos narradores-personagens trabalhados nesta pesquisa.

Em Capurro e Hjørland (2006) verifica-se relevância do trabalho desses autores para esta pesquisa sob dois aspectos. Um deles diz respeito ao aspecto tangível (*corporaliter*) e o outro ao aspecto intangível (*incorporaliter*) da informação. Muitas das informações registradas pelos autores durante o deslocamento e posteriormente publicadas na forma de livro expressam o caráter do registro, da materialidade da informação em algum um suporte de escrita representado pelo papel. Outra parte das informações acumuladas pelos narradores-personagens diz respeito às memórias visuais, auditivas e emotivas, além de conteúdos que não podem ser expressos na forma escrita pela sua complexidade. Nesse caso é possível falar de uma *informação viva* enquanto armazenada e mobilizada na mente dos protagonistas diante dos eventos circunstanciais vivenciados. Esse é o aspecto intangível da informação, o que coincide com a afirmação de Ferreira (2017, p. 62), segundo o qual:

[...] na experiência das viagens, as pessoas entram em contato com elementos intangíveis (informação, conhecimento, afetos) da cultura do outro que afetam a bagagem infocognitiva, deste modo, ampliando e modificando ideias, valores, crenças, hábitos e mesmo formas de comportamento preexistentes ao deslocamento humano no espaço geográfico.

Assim sendo, uma reflexão pode ser realizada nesta pesquisa em relação à informação que é experienciada no fenômeno da mobilidade, no trânsito pelo espaço físico, em um movimento sem uma raiz que a fixe, melhor dizendo, em fluxo contínuo. Aliás, uma mobilidade que se coaduna com os fluxos de informação que também ocorrem no ambiente das redes digitais. Essa ideia se harmoniza com os argumentos de Marteleto (2007, p. 2) ao destacar que:

[...] quando uma “informação-sistema” que gera memória e registro, tem permanência no tempo e coloração local, parece dar lugar a uma “informação-fluxo”, fluida, rizomática, enredada nos movimentos das redes, canais e dispositivos técnicos de comunicação e informação.

Outra leitura realizada no esforço de compreender o conceito de informação vem da obra de Robredo (2003). Para esse autor, a informação vai além do modelo formal encontrado nos suportes convencionais conhecidos pela Biblioteconomia, como livros, filmes, jornais, revistas e outros. Ele ressalta a importância de refletir sobre a *informação viva*, isto é, aquela que se encontra presente nas pessoas e que só pode ser acessada por meio do contato direto. Robredo (2003, p. 22), oportunamente, ainda observa que: “A conversão do conhecimento é um processo social entre indivíduos e não confinado dentro de um indivíduo”. Isso significa dizer que o autor retoma o papel das relações humanas na construção do conhecimento e na produção das subjetividades. Robredo (2003) inclusive realça a proposição conceitual de Bateson (2000), ao reforçar a ideia de que a “*informação* [é aquilo que] *nos muda*”, de que ela está voltada para as representações processadas no nível psíquico, cognitivo e afetivo das pessoas.

É possível vislumbrar a contribuição desta pesquisa para a Biblioteconomia e para a Ciência da Informação (CI) que ocorre quando entendido que os registros das experiências autobiográficas dos narradores-personagens vividas durante o deslocamento são editados e publicados como livros, portanto, documentos passíveis de tratamento bibliográfico para serem integradas aos acervos das bibliotecas como fonte de leitura e/ou de pesquisa para diferentes áreas do conhecimento. Recorrendo às considerações de Robredo (2003), pode-se vislumbrar um quadro mais claro dessa relação entre informação e livros para a área da CI. Diz o autor:

*Qual é o objeto de estudo da ciência da informação? A resposta é, [...] a informação, em todos os seus aspectos e de todos os pontos de vista. E avançando mais: Como poderíamos caracterizar a informação? [...]: A informação é suscetível de ser registrada (codificada) de diversas formas, duplicada e reproduzida *ad infinitum*, transmitida preestabelecidas (ROBREDO, 2003, p. 103). por diversos meios, conservada e armazenada em suportes diversos, medida e qualificada, adicionada a outras informações, organizada, processada e reorganizada segundo diversos critérios, recuperada quando necessário segundo regras.*

Na mesma linha de pensamento de Robredo, a organização da informação também está presente na concepção de Marteleto (2007, p. 5-6) ao afirmar que: ‘A informação é o agente neguentrópico que torna possível a organização de um sistema, enquanto as mudanças de energia estão submetidas ao princípio da entropia de degradação das formas mais ordenadas às mais desordenadas [...]’.

Desse modo, a informação padronizada e devidamente organizada em um sistema-biblioteca conserva o seu valor de registro em suportes para o usufruto de usuários reais e potenciais. Nessa acepção, evidencia-se a importância da materialidade da informação para as instituições que, em suas coleções bibliográficas, perpetuam o conhecimento dos diferentes domínios do saber no tempo e no espaço.

Uma nota sobre a informação enquanto componente de um sistema é dada por Robredo (2003, p. 103-104) ao explicar que:

[...] a definição de informação está associada a algum tipo de sistema, o que implica veículos diferentes para sua transmissão e seu armazenamento, segundo o sistema considerado (DNA, computadores, linguagem humana, etc.), assim como mecanismos diferentes de interpretação dos sinais; a informação é uma propriedade fundamental do universo e, como a energia, possui uma realidade própria; um sistema organizado pode se tornar mais organizado como resultado da introdução de mais informação nele; o aumento de entropia reflete a diminuição da organização, isto é, da informação, e é possível calcular a perda de organização de um sistema em função dos bits perdidos.

Diante da discussão aqui proposta, a informação está presente como componente fundamental nos processos de diferenciação experimentados pelos narradores-personagens, tal como foi encontrado nas narrativas que compõem o *corpus* analisado em relação à experiência do deslocamento humano.

No que concerne à forma (livro), significa dizer que a particularidade da composição textual com a descrição da geografia dos lugares por onde passaram os narradores-personagens, os aspectos socioculturais observados nos povos encontrados ao longo da viagem, a presença de mapas e de itinerário cronológico,

datas e nomes imprescindíveis para evidenciar os deslocamentos e os encontros com outras pessoas convergem para uma caracterização da literatura de viagem⁵.

Literatura de viagem, também referida como literatura odepórica (do grego antigo ὀδοιπορικός: "viagens"), é um gênero literário que consiste geralmente em uma narrativa acerca das experiências, descobertas e reflexões de um viajante durante seu percurso em deslocamento geográfico. Ilustra as pessoas, os eventos e aquilo que o autor vê ou sente, quando se encontra num país estrangeiro ou em lugar estranho daquele de sua origem. Não é necessariamente um guia, mas um relato daquilo que experimenta ou sente o autor-viajante, ao se encontrar diante de novos territórios e diferentes culturas.

O texto exhibe particularmente, segundo a proposta teórica de Rita (2013) uma coerência narrativa ou estética, de modo que a aventura pessoal do autor assume uma dimensão bem mais ampla, universal, diferenciando-se dos diários de viagem ou dos diários de bordo, que se caracterizam pelo simples registro de datas e eventos, nomes de pessoas e lugares, descrição da paisagem, clima, podendo ser acompanhado ou não de um breve comentário do autor.

Na literatura de viagem, os textos apresentam um caráter interdisciplinar, situando-se na fronteira entre a história, a antropologia e a ficção, além de eventualmente tratar de temas técnicos e científicos que o autor julgue dignos de menção (CRISTÓVÃO, 2002). Temas frequentes são a descrição da fauna, flora e minerais encontrados na região; costumes, crenças, características militares e comerciais, ciências, artes e formas de organização dos povos com os quais o autor teve contato.

Em relação ao conteúdo das três narrativas analisadas, a explicação em relação à noção de produção de diferença é relativamente simples. Um leitor atento poderá perceber nas leituras levadas a cabo as marcas, as referências sugeridas

⁵ Cristóvão (2002: 35) considera uma modalidade, interdisciplinar, do gênero narrativo e conceitua como sendo: [...] o subgênero literário que se mantém vivo desde o século XV ao final do século XIX, cujos textos, [...], entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária [...] temas, motivos e formas. Em caráter complementar ao que diz Cristóvão, Rita (2013, p. 52-53) explica: [...] a natureza revolucionária da literatura de viagens: porque investiga outras realidades que acrescenta às originais; porque encena e valoriza o conhecimento em processo, preferindo-o à sua síntese; porque o modo como o faz ensina a conhecer, modela o gesto cognoscente do leitor na sua própria experiência, assumindo uma dimensão de intervenção epistemológica, mais do que simplesmente pedagógica; e, finalmente, porque assume a dimensão subjectiva e precária do conhecimento que a ciência sempre quis escamotear, ao mesmo tempo que o propõe como matéria para reflexão, ou seja, apela à constituição de um novo quadro de referências.

pelos autores quanto às mudanças experimentadas em seus modos de ser e de pensar. Assim, as narrativas contêm em si as percepções dos narradores-personagens sobre os processos de diferenciação que viveram ao longo dos deslocamentos que realizaram no espaço geográfico por onde passaram.

3.2 A identidade e subjetividade

O enquadramento conceitual de identidade que foi utilizado na pesquisa seguiu as reflexões de Stuart Hall (2011) que discute que as *velhas identidades* que eram vistas como sustentáculo da realidade social, perderam sua força como significado unívoco. Afirma esse autor que também ocorre certa instabilidade oriunda da fragmentação do indivíduo moderno, o que produz uma profusão de identidades que se acumulam no seu núcleo identitário para vir a formar um *sujeito unificado*. Assim, é possível ainda haver uma identidade individual ou coletiva, falsa ou verdadeira, presumida ou ideal, perdida ou resgatada.

Hall aponta que a identidade já foi determinada, herdada ou imposta. Porém, atualmente ela pode ser construída processualmente, tal como as subjetividades. Em conexão com Hall, Castells (1999) também enxerga a identidade como meio de construção de significado baseado num atributo cultural peculiar. Logo, se a sociedade está sob influência de mudanças e transformações em diferentes graus e proporções, não é possível que o indivíduo inserido ativamente nesse circuito de acontecimentos não seja afetado e transformado continuamente, acompanhando esse processo que pode ser entendido como diacrônico e moderno.

Como Hall, Castells (1999) também vislumbra a identidade na dinâmica da construção contínua. Ela se projeta como a imagem do DNA que determina *o que somos*, ao menos em certa medida. Portanto, identidade é uma expressão de *quem somos*. Todavia, *quem somos* sempre muda, passa por alterações e se transforma. A relação com o mundo, com os outros e as nossas experiências individuais e coletivas também definem quem somos, e como o mundo se transforma, conseqüentemente nós mudamos com ele, modificando a nossa identidade.

Na discussão sobre identidade, a Globalização parece se destacar como um evento bastante presente, capaz de influenciar a vida social e política na atualidade ao promover um movimento de aproximação entre países, sociedades e culturas

dispersas no mundo (HALL, 2011). Considerando esse cenário de “integração” parece impossível permanecer incólume aos estímulos externos das grandes nações que pressionam as culturas e os modos locais de viver. No entanto, pensadores contemporâneos como Hall e Castells assumem postura mais cética e crítica ao determinismo global, e julgam que o principal enfoque atribuído à Globalização está situado na estratégia da integração dos mercados e na ampliação dos horizontes de consumo entre os países ricos e pobres. Nesse caminho reflexivo, Harvey (2005) alega que tudo deriva de um novo modelo de imperialismo, onde o que está no cerne é um projeto neoconservador e neoliberal. Ainda assim, conforme destacam Hall (2011) e Castells (1999) não é para menos que as identidades locais ressurgem em um movimento de resistência à imposição dos padrões culturais disseminados pelas nações mais industrializadas e tecnologicamente melhor desenvolvidas.

Corsini (2006) é uma autora que ajuda a entender o conceito de subjetividade, o qual está relacionado com o conceito de identidade. Uma definição fornecida por ela mostra que falar de subjetividade é falar de um espaço íntimo do indivíduo, ou seja, como ele “instala” a sua visão, o seu modo de pensar e de sentir ao que é dito (mundo interno), e ele se relaciona com o mundo social (mundo externo). Disso resultam as marcas singulares na formação do indivíduo e na construção das crenças e dos valores compartilhados na superfície cultural que irão constituir a experiência histórica e coletiva dos grupos e das populações.

As reflexões de Corsini (2006) integram a discussão desta pesquisa sobre a identidade diante do fenômeno da mobilidade humana, sobretudo, em relação à migração e ao refúgio, respectivamente representados aqui por dois livros do *corpus*, *Transplante de Menina* (Tatiana Belinky) e *Sete Anos no Tibet* (Heinrich Harrer). Para essa autora:

[...] a identidade também deve ser sempre pensada em termos plurais, como processo em construção, algo que vai se transformando através das relações e dos encontros, não sendo um invariante que já existe a priori. Reforça-se assim o aspecto de mobilidade, de produção em processo, da identidade (CORSINI, 2006, p. 26).

Assim, diante do que se discutiu nesta seção fica evidente que esta pesquisa não trabalha fundada em uma visão essencialista da identidade; mas, tal como foi dito anteriormente, utiliza-se uma visão de identidades em movimento, em

constituição, que será visto oportunamente na análise produzida sobre as narrativas que integram o *corpus*.

3.3 Produção de diferença

A concepção de produção de diferença decorre de um princípio básico elaborado por Gregory Bateson (1986) de que a informação consiste em “Qualquer diferença que faz uma diferença”. As diferenças são indicadores de informações absorvidas e incorporadas aos modos de pensar e ser das pessoas. Nesse sentido, a diferença representa uma *mudança*, um processo de transformação experimentado ao nível individual e/ou coletivo, o que pode ser confirmado no argumento de Ferreira, Albagli e Corsini (2018, p. 503) quando dizem que:

[...] a produção de diferença em Bateson é, indubitavelmente, um processo relacional, que não pode prescindir do outro. Esse processo relacional se dá no âmbito do que o autor designa como mundo da forma e da comunicação, um domínio que, em contraste com o mundo da substância, da matéria, não invoca coisas, forças ou impactos, apenas diferenças e ideias.

Embora o perfil científico de Bateson o associasse ao naturalismo e à teoria objetivista, ele passou a integrar discussões em cibernética ao adquirir interesse pelas ideias construtivistas que viriam a nortear o trabalho dele sobre comunicação a partir dos anos de 1950. Conforme Bateson (1986), as pessoas estão sempre se deparando com situações novas que envolvem informações igualmente novas em um processo de autoaprendizado contínuo. Conforme o autor:

[...] temos que observar que qualquer objeto, evento, ou diferença no assim chamado "mundo exterior" pode se tornar uma fonte de informação, desde que seja incorporado a um circuito com uma rede apropriada de material flexível no qual ele possa produzir mudanças (BATESON, 1986, p.118).

Desse modo, ao interagir, as pessoas operam trocas de informação umas com as outras. Além disso, o estímulo sensível (a informação captada pelos órgãos do sentido) está relacionado diretamente à adaptação dos seres vivos ao ambiente em que atuam, pois diz Bateson (1986, p. 104) que: “[...] um órgão sensorial reage a ou reúne um pedaço de informação” operando uma mudança, um resultado de causa e efeito.

Com suas ideias e teorizações Bateson contribuiu com uma nova ciência, a Comunicação. Ele se concentrou sobre alguns aportes centrais da cibernética como a noção de sistema – o sistema vivo em especial –, além de introduzir uma noção de informação como sendo a “*diferença que produz uma diferença*”, bem como os mecanismos adaptativos de aprendizagem.

Diante do contexto apresentado, as ideias de Bateson ajudam a pensar mobilidade humana em relação às novas informações que emergem constantemente para aqueles que se movimentam em diferentes modalidades de deslocamento (viagem, migração, refúgio, exílio, asilo, expatriamento e outras). Nesse sentido, a dinâmica da interação entre aqueles que se deslocam e aqueles que vivem na terra que os recebem revela grande importância na produção de diferença. Segundo afirma Ferreira (2017), no contato inevitável com novas informações em uma nova cultura o aprendizado (*learning*) conduz a um estado de mudança (*change*), a uma reconfiguração dos modos de ser. Isso demonstra a existência de uma flexibilidade cognitiva (FERREIRA, 2017), ligada à *habilidade de mudar* (BATESON, 1986). Essa característica dos seres humanos que permite que eles aprendam com pessoas diferentes em eventos e contextos socioculturais diversos.

Assim, com base nos atores discutidos neste capítulo, esta pesquisa busca verificar as estratégias adotadas por três tipos de personagens que simbolizam a experiência da mobilidade: o viajante; o migrante; o refugiado. Como será visto a seguir, cada uma dessas personagens vivenciou o processo de produção de diferença de um modo particular, mas que afetou seus modos de ser, de pensar e também as identidades delas, permitindo que se tornassem outras pessoas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo é dedicado à exposição dos resultados da pesquisa e à discussão do *corpus* produzido sobre as obras analisadas. Na fase de categorização durante a Análise de Conteúdo (AC) foram estruturadas quatro categorias que serviram de base às organizações das passagens dos livros que evidenciam processos de diferenciação vividos pelas personagens, conforme registra a Tabela 1. Essas categorias são: alterações nas percepções de identidade; alterações nas percepções sobre o país de origem; alterações nas percepções sobre o país de recepção; alterações na percepção sobre o outro. Ao todo, o estudo identificou um numeroso volume de dados referentes as passagens identificadas nos textos narrativos o que conduziu a necessidade de optar pelo registro de um total de 124 passagens referentes ao conceito de produção de diferença.

Tabela 1 – Categorias de produção de diferença identificadas no *corpus* da pesquisa.

Categorias	Frequência	%
Alterações nas percepções de identidade	32	26
Alterações nas percepções sobre o país de origem	29	23
Alterações nas percepções sobre o país de recepção	33	27
Alterações na percepção sobre o outro	30	24
Total	124	100

Fonte: Autoria própria, 2019.

Em relação à categoria *alterações nas percepções de identidade*, ela corresponde às passagens das obras em que ficam evidentes as mudanças experimentadas pelas personagens na forma como passam a questionar a própria identidade e a identificação com a cultura da sociedade de recepção. As *alterações nas percepções sobre o país de origem* correspondem às passagens que mostram

os efeitos do contato com a sociedade do outro e a forma como isso altera o modo como as personagens passam a ver a sociedade de origem. Já as *alterações nas percepções sobre o país de recepção* reportam às transformações processadas em relação à maneira como as personagens pensam o lugar sobre o qual se movimentam. Por fim, as *alterações na percepção sobre o outro* reúne as passagens que fazem referência à alteridade, ou seja, ao modo como as personagens constroem um novo olhar sobre as pessoas dos países que as acolhem. Algumas dessas passagens, notadamente as mais significativas, são trabalhadas a seguir, onde aparecem associadas aos livros dos quais foram obtidas. Por fim, uma advertência: os dados referentes a cada livro do *corpus* são antecidos por um resumo biográfico dos autores que acumulam o papel de narradores e de personagens.

4.1 Resumo biográfico de Ernesto Guevara de La Serna

A fonte utilizada para falar sobre o autor do livro *De moto pela América do Sul* corresponde à biografia, *Che Guevara: uma biografia*, escrito por Jon Lee Anderson, publicado em 1997 pela editora Objetiva.

Conforme Anderson (1997), Ernesto Guevara de La Serna (ou Ernesto Rafael Guevara de La Serna) nasceu em Rosário, Argentina, no dia 14 de junho de 1928. Ele morreu em La Higuera, em 9 de outubro de 1967.

Ernesto Guevara ficou mundialmente conhecido como "Che" Guevara, o revolucionário marxista, médico, autor, guerrilheiro, diplomata e teórico militar. Ele foi uma figura importante na Revolução Cubana, tornando-se um símbolo da contracultura de rebeldia e insígnia global na cultura popular.

O ícone revolucionário era filho de Ernesto Guevara y Lynch, um renomado professor de Direito, congressista e embaixador, e de Celia de La Serna y Llosa, de família aristocrática. Desde criança Ernesto Guevara sofria de asma, motivo pelo qual foi dispensado do serviço militar. Em 1944 ele passou a trabalhar como funcionário da Câmara de um vilarejo argentino.

Em 1946, a família se mudou para Buenos Aires. No ano seguinte Ernesto Guevara ingressou no curso de Medicina na Universidade de Buenos Aires. O gosto

por aventuras pouco convencionais o levou a interromper os estudos no terceiro ano, quando percorreu sozinho boa parte do Norte da Argentina em uma bicicleta na qual adaptou um pequeno motor. Essa empreitada durou seis semanas. De volta a Buenos Aires, Ernesto Guevara retornou à universidade. Após concluir o quarto ano ele conseguiu credencial de enfermeiro para trabalhar em navios da petrolífera estatal argentina.

Quando ainda era um jovem estudante de Medicina, Ernesto Guevara viajou por parte da América do Sul, radicalizando suas posições após testemunhar a pobreza, a fome e as doenças que assolavam o continente. O crescente desejo de ajudar a derrubar o que ele viu como resultado da exploração capitalista da América Latina o levou ao envolvimento nas reformas sociais da Guatemala, então governada por Jacobo Árbenz, cuja eventual derrubada foi assistida pela *Central Intelligence Agency* (CIA) a pedido da *United Fruit Company*. Esse episódio solidificou a ideologia política de Guevara. Mais tarde, na Cidade do México, ele conheceu Raúl e Fidel Castro, juntou-se ao Movimento 26 de Julho. Então partiu para Cuba a bordo do iate Granma com a intenção de derrubar o ditador cubano Fulgêncio Batista, que recebia apoio pelos EUA.

Ernesto Guevara logo ganhou destaque entre os insurgentes. Ele foi promovido a segundo comandante e desempenhou um papel fundamental na vitoriosa guerrilha que, após dois anos, depôs o regime de Batista.

Após a Revolução Cubana, Ernesto Guevara desempenhou vários papéis-chave no novo governo, incluindo a revisão dos apelos e dos esquadrões de fuzilamento para os condenados como criminosos de guerra durante os tribunais revolucionários. Ele também atuou: na instituição da reforma agrária como Ministro das Indústrias; como liderança na campanha de alfabetização nacional bem-sucedida; foi presidente do Banco Nacional de Cuba; e diretor de instrução das Forças Armadas de Cuba.

Ernesto Guevara atravessou o globo como diplomata em nome do socialismo cubano. As posições que ocupou lhe permitiram desempenhar um papel central no treinamento das forças da milícia que repeliu a invasão da Baía dos Porcos, levando mísseis balísticos soviéticos com armas nucleares para Cuba. Isso precipitou a crise dos mísseis de 1962. Além disso, ele foi um escritor prolífico e diarista, compondo um manual seminal sobre guerra de guerrilha, junto com um livro de memórias *best-seller* sobre a jornada de motocicleta pelo continente sul-americano.

As experiências e os estudos de Ernesto Guevara sobre o marxismo-leninismo levaram-no a afirmar que o subdesenvolvimento e a dependência do Terceiro Mundo eram resultados intrínsecos do imperialismo, do neocolonialismo e do capitalismo monopolista. Para ele, esses problemas só poderiam ser solucionados pelo internacionalismo proletário e pela a revolução mundial.

Ernesto Guevara deixou Cuba em 1965 para fomentar a revolução no exterior, primeiro sem sucesso no Congo-Kinshasa e depois na Bolívia, onde foi capturado por forças bolivianas auxiliadas pela CIA. Uma vez capturado, Ernesto Guevara foi sumariamente executado.

4.2 Sobre o livro

O livro foi composto com base no diário de notas no qual Ernesto Che Guevara registrava detalhes sobre os lugares por onde viajava, bem como das pessoas que conheceu e com a qual manteve contato. Além de particularidades geográficas, clima, vegetação, aspectos, históricos, políticos, sociais e culturais, o conjunto das anotações foi “polida” como registra o próprio Ernesto no livro. Essas notas finalmente foram convertidas em um texto narrativo publicado, postumamente em 1993, na forma de livro em edição italiana e que depois seria utilizada na edição, inglesa de 1995.

A publicação inicia com uma nota sem título retirado do arquivo pessoal de Ernesto Guevara. Essa nota é atribuída a uma entidade sediada em Havana, Cuba, a saber, Centro Latino-Americano “Che Guevara”, responsável por manter documentos originais do ícone revolucionário. No verso da página da nota consta um mapa da América do Sul demonstrando o percurso da viagem empreendida por Ernesto e em companhia do amigo Alberto Granado (Ver Fotografia 1).

- San Martín de los Andes, 31 de janeiro;
- Nahuel Huápi, 8 de fevereiro;
- Bariloche, 11 de fevereiro.

Chile:

- Peulla, 14 de fevereiro;
- Temuco, 18 de fevereiro;
- Lautauro, 21 de fevereiro;
- Los Angeles, 27 de fevereiro;
- Santiago do Chile, 1 ° de março;
- Valparaíso, 7 de março;
- A bordo do San Antonio, 8-10 de março;
- Antofogasta, 11 de março;
- Baquedano, 12 de março;
- Chuquicamata, 13-15 de março;
- Iquique, 20 de março. (Companhias de extração de nitrato Toco, La Rica Aventura e Prosperidad);
- Arica, 22 de março.

Peru:

- Tacna, 24 de março;
- Tarata, 25 de março;
- Puno, 26 de março;
- Velejam o lago Titicaca no dia 27 de março;
- Juliaca, 28 de março;
- Sicuani, 30 de março;
- Cuzco, 31 de março a 3 de abril;
- Machu Picchu, 4-5 de abril;
- Cuzco, 6-7 de abril;
- Abancay, 11 de abril;
- Huancarama, 13 de abril;
- Huambo, 14 de abril;
- Huancarama, 15 de abril;
- Andahuaylas, 16-19 de abril;

- Huanta;
- Ayacucho, 22 de abril;
- Huancayo;
- La Merced, 25-26 de abril;
- Entre Oxapampa e San Ramón, 27 de abril;
- San Ramón, 28 de abril – Tarma, 30 de abril;
- Lima, 1-17 de maio;
- Cerro de Pasco, 19 de maio;
- Pucallpa, 24 de maio;
- A bordo do La Cenepa, descem o rio Ucayali, afluente do Amazonas, 25-31 de maio;
- Iquitos, 1-5 de junho;
- A bordo do Cisne, dirigem-se para a colônia de leprosos de San Pablo, 6-7 de junho;
- San Pablo, colônia de leprosos, 8-20 de junho;
- A bordo do Mambo-Tango, navegam no Amazonas, 21 de junho.

Colômbia:

- Leticia, 23 de junho a 1º de julho. Partem de avião no dia 2 de julho;
- Em trânsito em Tres Esquinas, 2 de julho;
- Madri, aeroporto militar a 30 km de Bogotá;
- Bogotá, 2-10 de julho;
- Cúcuta, 12-13 de julho.

Venezuela:

- San Cristóbal, 14 de julho;
- Entre Barquisimeto e Corona, 16 de julho;
- Caracas, 17-26 de julho.

O livro foi publicado no Brasil pela Sá Editora, traduzido para o português, por Diego Ambrosini, tendo como base a edição publicada em inglês (*The Motorcycle Diaries*, editora Verso Books, Londres, 1995) e a edição italiana (*Latinoamericana – Due diari per um Viaggio in motocicletta*, editora Feltrineli, Milão, 1993) e do original *Notas de viaje de Ernesto Guevara de la Serna* que integra o arquivo pessoal,

tutelado pelo Centro Latino-americano “Che Guevara”, em Havana, Cuba, preservado sob a curadoria de sua viúva, Aleida March de la Torre.

O livro utilizado com fonte de dados nesta pesquisa conta com um prólogo intitulado “A jornada de Ernesto e Alberto Granado”, e também com um epílogo nomeado “Ernesto vai para Miami e volta a Buenos Aires”. Ambos os textos são de autoria do pai de Ernesto. Eles foram retirados do livro *Mi hijo, el Che*, da editora Arte y Literatura de Havana, publicado em 1988.

A obra *De moto pela América do Sul* contém 190 páginas. Está dividida em 45 pequenos textos que reforçam o modo como foram escritos, isto é, por meio de notas registradas em diário. Essa marca fornece dinâmica própria à narrativa da viagem, prescindindo de descrições desnecessárias e de redundâncias estéticas típicas de um romance ou de uma novela literária. Entretanto, o texto não se reduz a simples enumerações de datas, nomes e relatos sintéticos de eventos ocorridos durante o itinerário da viagem empreendida por moto.

Há momentos em que o narrador-personagem e autor traduz toda beleza contemplada por ele, percebida pelos sentidos e traduzida em palavras com sensibilidade e senso estético literário, tudo isso provavelmente fruto do contato com a cultura erudita obtida de uma educação burguesa.

Entre as páginas 95 e 102 foi reservado espaço para algumas fotografias feitas por Ernesto, que embora sejam em pequeno número servem para mostrar ao leitor os lugares por ele passou e as pessoas com quem esteve. Algumas cartas escritas e enviadas à família também foram incorporadas ao livro.

O livro encerra com um resumo biográfico de Ernesto Guevara. O volume do texto é modesto (190 páginas) quando comparado à biografia escrita por Jon Lee Anderson, com 886 páginas.

A narrativa autobiográfica é construída sobre a viagem conduzida pela América do Sul na companhia do amigo e biomédico Alberto Granado Jiménez. O propósito inicial da viagem era conhecer as condições de tratamento da lepra nos países sul-americanos e tentar chegar até a colônia de leprosos na Amazônia peruana.

Os relatos narrados por Ernesto Guevara no livro traduzem um cenário fiel do percurso realizado pelo sul da Argentina, Chile, Peru, Colômbia e Venezuela. O texto é uma combinação equilibrada de aventura e drama – e até alguma comédia – sustentada por sérias reflexões existenciais que tangenciavam a complexidade da

política, da economia, da história, da geografia e de tudo o que estava relacionado à América do Sul do tempo dele.

A jornada foi empreendida em 1939 sobre uma motocicleta Norton, modelo de 500 cilindradas, apelidada carinhosamente de “La Poderosa II”. Na maioria das vezes a moto era conduzida por Alberto, cortando estreitas e sinuosas estradas de sinalização precária, repletas de perigos e sob nuvens densas de poeira.

O fato mais curioso extraído do relato das situações vividas na estrada fica por conta de que, apesar do título do livro aludir a ideia de uma viagem, integralmente realizada a bordo de uma motocicleta por toda a América do Sul, a Norton 500 foi danificada definitivamente ainda em território chileno, numa localidade conhecida como Los Angeles, tal como é narrado por Ernesto Guevara nas páginas 51 e 52 do capítulo intitulado: “O Fim da Linha para La Poderosa”.

4.3 A produção de diferença em De moto pela América do Sul

O narrador-personagem desta obra é Ernesto Guevara. Em De moto pela América do Sul ele demonstra que o itinerário da viagem causou mudanças significativas no seu modo de pensar, sentir e perceber os outros o que o impeliu em uma transformação completa, chegando a admitir a sua “morte simbólica” ou desaparecimento da pessoa que iniciou a jornada. Esse processo está indicado na passagem:

A pessoa que tomou estas notas morreu no dia em que pisou novamente o solo argentino. A pessoa que está agora reorganizando e polindo estas mesmas notas, eu, não sou o mesmo que era antes. Esse vagar sem rumo pelos caminhos da nossa Maiúscula América me transformou mais do que me dei conta (GUEVARA, 2001, p. 14).

Nesse ponto da narrativa pode-se observar uma relação mais complexa com as teorias de Bateson (2000) e nos argumentos de Ferreira (2018) sobre a produção de marca de diferença, ao qualificar a informação como estímulos que uma vez recebidos provocam transformações em quem entra em contato com elas. Vê-se nessa passagem que o narrador-personagem viveu uma imersão cultural que causou transformação profunda em sua condição existencial por meio do contato

com novas informações. Além disso, nota-se uma tensão sutil entre a visão objetiva e o ponto de vista subjetivo do narrador-personagem.

Ao longo da leitura percebe-se que o narrador-personagem começa a assimilar sua condição de viajante e os efeitos resultantes dessa ação de se deslocar pelo espaço físico. Essa marca de produção de diferença é constatada no trecho:

Alberto tirou uma foto de mim em meu uniforme do hospital. Eu estava horrível: abatido, com olhos enormes e com uma barba cuja aparência ridícula não mudou muito nos meses seguintes. É uma pena que tal foto não tenha ficado boa; ela registrou nossa **mudança** de circunstância, nossos novos horizontes, livres das algemas da “civilização” (GUEVARA, 2001, p. 25 *grifo nosso*).

Em outra passagem, o narrador-personagem percebe alterações no seu modo de ser e de sentir que lhe surpreendem e causam mal-estar diante da situação de desprendimento do seu cotidiano anterior à viagem, especialmente, em relação ao seu relacionamento afetivo com a namorada. Nesse sentido é possível notar modificações no nível existencial (em relação às emoções e convicções) do narrador-personagem:

Eu me peguei então velejando com o marinheiro para terras distantes, muito longe do meu drama atual. Uma sensação de desconforto profundo se abateu sobre mim; aquele drama não me afetava. Comecei a me preocupar comigo mesmo e tentei escrever uma carta chorosa, mas não conseguia, não adiantava nada tentar.” / “À meia-luz, figuras mágicas pairavam no ar, mas, “ela” não aparecia. Eu imaginava amá-la até esse momento, quando percebi que não a sentia, e tinha de me forçar a pensar nela para lembrar. Eu tinha de lutar por ela, ela era minha, minha, m... caí no sono (GUEVARA, 2001, p. 41).

A cada avanço em território estrangeiro, o narrador-personagem constata que a viagem lhe causava transformações indelévels. No texto ele está sempre reforçando essa percepção por meio de afirmações – relativas ao tempo e ao espaço - sobre o passado (quem ele foi), o presente (quem ele é) e o futuro (quem ele está se tornando):

Subindo as montanhas, em um lugar chamado Casa Pangué, fica um mirante de onde se pode ter uma vista panorâmica do Chile. É uma espécie de encruzilhada, ou pelo menos o foi para mim naquele momento em particular. Eu olhava para o futuro, para cima da faixa estreita do Chile, e também para o que ficava para trás, murmurando os versos do poema de Otero Silva: “*Yo escuchaba chapotear em el barco los pies descalzos/y presentía los rostros anochecidos de hambre. / Mi corazón fue un péndolo entra ella y la calle. / Yo no sé com qué fuerza ma libré de sus ojos me zafé*”

de sus brazos. / Ella quedó nublando de lágrimas su angustia tras de la lluvia y el cristal pero incapaz para gritarme: Espérame, yo me marchó contigo!”⁶ (GUEVARA, 2001, p. 42).

O narrador-personagem reconhece as diferenças culturais entre o seu ambiente de origem e o lugar de recepção por meio de novas informações obtidas através da observação e da interação com as pessoas que oportunizaram a aproximação mútua e a devida abertura. Essa aproximação pode ser gradual e dependendo muito da disposição das pessoas envolvidas nessa situação nova como afirma Ferreira (2017, p. 227). Em uma passagem, relata o narrador-personagem:

Os chilenos, um povo extremamente hospitaleiro e amigável, nos davam as boas-vindas em todo lugar a que chegávamos. [...] As docas, repletas de mercadorias que nunca havíamos visto antes, o mercado onde eram vendidas as comidas mais variadas, as casas de madeira tipicamente chilenas, as roupas dos guasos (camponês chileno), tudo parecia totalmente diferente do que nós tínhamos em casa; havia algo de genuinamente americano, de indígena, intocado pelo exotismo que havia os nossos pampas (GUEVARA, 2001, p. 44-45).

O narrador-personagem demonstra não possuir conhecimento relevante sobre a questão do deslocamento humano, no caso específico, a migração. Ele parece não compreender que, embora a modalidade de deslocamento que ele mesmo está vivenciando (a viagem) caracteriza-se como temporária. Contudo, importa dizer que a viagem é em si um deslocamento. A influência de sua passagem pelo lugar do outro é marcante e expressada pelas trocas de informações recíprocas entre pessoas, sendo, portanto, uma relação de valor construída pelo evento de transposição. Já a migração (imigração anglo-saxã na Argentina) que foi alvo de sua crítica, é um tipo que envolve um grau de complexidade que vai além de mera constatação superficial. Parte desse argumento do narrador-personagem se deve ao preconceito originado de sua formação política e seu âmbito social burguês. Ele atribui certo grau de pureza nacional no país, que preexistia antes da chegada dos anglo-saxões: “[...] os imigrantes anglo-saxões no Chile não terem se misturado à população, preservando, assim, a pureza da raça indígena que, hoje em dia, é praticamente inexistente na Argentina” (GUEVARA, 2001, p. 45).

⁶ Eu escutava passos no barco / os pés descalços / e pressentia os rostos anoitecidos de fome. / Meu coração era um pêndulo entre ela e a rua. / Eu não sei com que forças me livre de seus olhos / me libertei de seus braços. / Ela ficou nublando de lágrimas sua angústia / atrás da chuva e do cristal / porém incapaz de gritar: Espera-me, / eu vou contigo! Em nota, informa o tradutor que Miguel Otero Silva foi poeta e escritor esquerdista venezuelano, nascido em 1908.

A percepção da presença do narrador-personagem por parte da população local desperta interesse. Nesse sentido a novidade é notada sensorialmente como afirma Ferreira (2007), e desse modo, se produz a diferença espontaneamente. O próprio biótipo de Ernesto chamava a atenção dos locais pela pele branca e pelo uso da barba, traços esses incomuns aos que ali moravam. Nota-se que o narrador-personagem se torna uma informação nova para o lugar que o acolheu enquanto ele próprio buscava informações sobre a lepra. Nesse momento da viagem, o próprio Ernesto e o companheiro de viagem Alberto se tornaram notícia em um jornal local:

[...] eu estava interessado somente em um pequeno pedaço das notícias locais, o qual eu encontrei com letras grandes na seção dois: DOIS ARGENTINOS ESPECIALISTAS EM LEPROLOGIA VIAJAM PELA AMÉRICA DO SUL DE MOTOCICLETA. E mais embaixo, em letras menores: “Eles estão em Temuco e querem visitar Rapa Nui” (GUEVARA, 2011, p. 46).

Sobre a viagem, o narrador-personagem já detinha algumas informações estratégicas do lugar para onde se deslocou. Essas informações o auxiliaram na adaptação e compreensão dos costumes locais, comprovado por Ferreira (2018) e Ferreira, Albagri e Corsini (2018) que afirmam que a produção de diferença não ocorre somente pelo contato com as informações novas, porém, essas se combinam a vivência, informações e conhecimentos que trazem consigo:

No Chile não existem (até onde eu sei) brigadas não voluntárias de combate a incêndios, mas, ainda assim, é um serviço muito bom, porque assumir o posto de capitão de uma brigada é uma honra perseguida pelos homens mais capazes de cada vila ou cidade onde ela opera. E não pensem que é um trabalho apenas em teoria: no sul do país, pelo menos, acontece um número considerável de incêndios. Não se se isso se deve ao fato de que a maioria das construções é feita de madeira, ou se é porque as pessoas são pobres e pouco educadas, ou por algum outro fator, ou por todos eles juntos. Tudo que sei é que, nos três dias que estivemos hospedados no quartel dos bombeiros, houve dois incêndios de grandes proporções e outro menor. (Não quero dizer com isso que este último foi de tamanho médio, estou apenas relatando os fatos) (GUEVARA, 2001, p. 52-53).

O narrador-personagem constata uma mudança (causada pelos eventos da viagem) naquilo que ele considerava uma identidade, ou algo que o podia ser distinguido. No entanto, essa observação só é possível a partir da perspectiva subjetiva. De acordo com Hall (2011, p. 12): “O sujeito previamente, vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornado fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não

resolvidas.” Esse aspecto teórico se combina a noção de produção de diferença de Bateson (2000) em que a própria informação produz diferença, ou seja, quando o narrador-personagem analisa a si próprio ele consegue enxergar mudanças em elevado grau de transformação, sejam elas existenciais, políticas e socioculturais. Segundo ele afirma (GUEVARA, 2001, p. 57-58): “Agora nós éramos apenas dois vagabundos com mochilas nas costas, a poeira da estrada nos cobrindo, apenas sombras de nossos antigos egos aristocráticos”.

O trecho do texto analisado aqui se refere a duas questões discutidas na pesquisa e que são recorrentes na leitura do conteúdo. Uma é em relação à identidade, e outra às mudanças atribuídas ao narrador-personagem no que tange o contato com novas informações como fator determinante na operação das mudanças no narrador-personagem (BATESON, 2000; FERREIRA, 2018). Embora, possa parecer distante do contexto, quando ele opta por usar a palavra *mudança* para explicar a necessidade de melhorar as condições do povo que vive naquelas paragens que ele integra transitoriamente, parece haver uma força que projeta o narrador-personagem para um futuro onde ele será o protagonista na produção dos meios necessários para suceder aquelas mudanças. Além disso, naquele momento, ele assume a identidade de médico (dentre tantas que ocorrem durante a viagem: viajante, explorador, fotógrafo, estudante, aventureiro, vagabundo, argentino, etc.).

De novo, recorre-se à tese de Hall (2011) segundo a qual diante da multiplicação dos sistemas de significação e de representação cultural o indivíduo entra em confronto com múltiplas identidades variáveis, podendo se identificar com qualquer uma delas transitoriamente, portanto, sendo circunstancial:

É em casos como esses, quando um médico (grifos nossos) percebe que não pode fazer nada, que ele deseja a mudança; uma mudança uma mudança que impedisse a injustiça de um sistema no qual até um mês atrás essa pobre mulher tinha que ganhar seu sustento trabalhando como uma garçonete, respirando com dificuldade, ofegando, mas encarando a vida com dignidade. Nestas circunstâncias as pessoas de famílias pobres que não podem se sustentar são rodeadas por uma atmosfera de aspereza mal disfarçada; deixam de ser pais, mães, irmã ou irmão para tornar-se apenas um fator negativo na luta pela sobrevivência [...] (GUEVARA, 2000, p. 60-61).

As circunstâncias assumem papel preponderante nas transformações profundas do narrador-personagem. Nesse ponto do texto surge no seu discurso pensamentos políticos e a vontade de integrar movimentos voltados às causas coletivas em detrimento de seus interesses pessoais que prevaleciam no início de

sua jornada. Entretanto, não é possível vislumbrar ainda nem a simpatia ou desejo de associação às ideias comunistas que no futuro farão parte de sua configuração política e existencial, embora possa ser percebido sutilmente que seu descontentamento aponta para tal tendência:

Era uma das noites mais frias que eu já havia passado; mas também uma noite que me fez sentir mais próximo dessa estranha, para mim pelo menos, raça humana.” / “Deixando de lado a questão sobre se a “canalha comunista” é perigosa ou não para a saúde de uma sociedade, o que havia florescido nele era nada mais nada menos do que o desejo natural por uma vida melhor, um protesto contra a fome permanente que se transformou em amor por essa estranha doutrina, cujo significado real ele não podia sequer imaginar, mas que, traduzida em “pão para os pobres”, tornou-se algo que ele entende e que o enche de esperança (GUEVARA, 2000, p. 70-71).

No trecho acima se pode notar uma influência que marcará suas ulteriores tendências políticas e ambições em ser reconhecido historicamente como um líder revolucionário. Isso se explica recorrendo às ideias de Bateson (2000) e de Ferreira, Albagri, Corsini (2018) quanto à noção de informação como a diferença que produz diferença, de forma que os estímulos externos recebidos diretamente do meio através da interação que, uma vez percebidos pelo sistema sensorial como novidade, tendem a produzir um tipo de diferença imediatamente internalizada nas pessoas. Ao mesmo tempo, o narrador-personagem surpreende por uma contradição. Ele admira os feitos dos conquistadores espanhóis que colonizaram a região, no entanto, acusa as empresas multinacionais e seus países de origem de imperialistas inescrupulosos. Uma manifestação que se confronta com a capacidade de redução a uma ideia simplista. Segundo Guattari (1996, p.157), “A subjetividade é sempre, [...], um processo de singularização, mas que, pode se perder no momento mesmo em que passe para a ordem do geral.” Desse modo, se apresenta na reflexão do narrador-personagem:

Quando se vê com os próprios olhos o terreno que os conquistadores cruzaram, automaticamente se eleva o feito de Valdívia e de seus homens ao posto de um dos mais notáveis de toda a colonização espanhola. / “A realização de Valdívia simboliza o inegável desejo do homem de encontrar um lugar onde possa exercer controle absoluto.” / “Valdívia teria encontrado ampla justificação para que sua morte fosse decretada pelo governante de uma nação guerreira, porque ele próprio pertencia àquela espécie singular de homens que são produzidos muito raramente, homens para quem o sofrimento parece um preço natural a pagar por sua, às vezes inconsciente, busca do poder infinito (GUEVARA, 2000, p. 78-79).

A apreensão de novas informações sobre aspectos culturais locais, bem como a identificação e a troca de saberes e afetos comuns oportunizados pelo constante contato interpessoal pode ser confirmada pelos argumentos de Ferreira, Albagli, Corsini (2018, p.503), para os quais a: “[...] realidade complexa que envolve processos de subjetivação e de relações interpessoais vivenciadas durante todo o tempo de estadia na terra do outro”.

Uma simbiose interpessoal na vivência de Ernesto somente é possível considerando o grau de participação e a devida colaboração dele com as pessoas envolvidas no processo comunicacional:

[...] um forcinho passou pela estrada, com três nobres cidadãos bêbados e cantando cuecas no mais alto volume. Eram trabalhadores grevistas da mina de Magdalena, comemorando prematuramente a vitória da causa do povo com um alegre porre. Os beberrões nos deram uma carona até uma estação de trem próxima. Ali, nós encontramos a um grupo de caminhoneiros treinando para um jogo de futebol contra um time rival. Alberto tirou um par de tênis de sua mochila e começou seu discurso. O resultado foi espetacular: fomos contratados para a partida do domingo seguinte; em troca ganharíamos soldo, alojamento, comida e transporte para Iquique.” / “Dois dias depois veio o domingo, marcado por uma esplêndida vitória do nosso time e por alguns cabritos assados por Alberto, de modo a maravilhar a assistência com arte culinária argentina. Naqueles dois dias, nós visitamos algumas das muitas plantas de purificação de nitrato daquela região do Chile. Não é muito difícil para essas companhias extrair a riqueza mineral daquela parte do mundo. Tudo o que tem de fazer é lixar a camada superficial do terreno, que é onde está o mineral, e transportá-la para grandes recipientes onde passa por um processo de separação não muito complicado, extraindo nitratos, salitre e lama. [...] os alemães receberam as primeiras concessões, mas suas plantas foram expropriadas e agora a maioria delas é de ingleses. [...] fomos, [...], para uma planta até bastante grande, La Victoria, que tem uma placa na entrada marcando o local onde morreu o Héctor Supicci Sedes, um grande piloto de rali uruguaio que foi atingido por outro competidor ao sair dos boxes depois de abastecer seu carro (GUEVARA, 2000, p. 76 – 77).

Em outro trecho significativo do texto o narrador-personagem realiza um retrospecto de sua passagem pelo Chile. O conteúdo contrasta e diverge ao mesmo tempo com partes anteriores do texto narrativo. Nesse sentido, isso pode ser explicado porque ele realizou essa reflexão algum tempo depois de a viagem pela América do Sul ter sido finalizada, ou seja, quando estava recuperando as notas de seu diário (registradas enquanto se deslocava e sob a influência da atmosfera da imersão cultural) e selecionando as informações que seriam incluídas definitivamente, para em seguida transformar as notas em livro.

Na posse de informações novas ele julga de modo mais objetivo que suas impressões anteriores não refletiam a situação verdadeira dos locais específicos em

que esteve, serviços que pôde experimentar e relações interpessoais que manteve durante o período, especialmente em algumas pequenas cidades chilenas. Portanto, isso revela uma mudança no modo como enxergava o país e como passou a vê-lo depois da viagem.

A nova perspectiva do narrador-personagem após a viagem comprova que o contato com informações novas em culturas diferentes produziu a diferença nele. Portanto, com base nessas novas informações ele modificou seu ponto de vista antes baseado em indícios hipotéticos. Agora ele detém dados concretos experimentados mediante as próprias vivências. Essa ocorrência repercute em qualquer pessoa que se submete à experiência do deslocamento geográfico. Desse modo, em uma passagem do livro Ernesto demonstra o papel da subjetividade nas viagens:

Quando escrevi essas notas, no calor de meu entusiasmo inicial e de minhas primeiras impressões, o que narrei incluía algumas poucas e loucas incorreções e, geralmente, não estava redigido com o devido espírito científico. De todo modo, não creio que deva expressar minhas ideias atuais sobre o Chile agora, mais de um ano depois de ter tomado estas notas; prefiro fazer um pequeno resumo do que escrevi então. [...] a saúde pública no Chile deixa muito a desejar (ainda que eu tenha percebido depois que é muito melhor do que a que existe nos outros países que eu visitei). Os hospitais totalmente gratuitos são extremamente raros e muitas vezes se vê a seguinte placa: “Como é que você pode reclamar do tratamento que recebe deste hospital se não contribui para sua manutenção?” “[...] o atendimento médico no Norte é geralmente gratuito, mas deve-se pagar pelas instalações do hospital, quantias que vão desde as irrisórias até virtuais monumentos à roubalheira institucionalizada.” [...] “Os hospitais são, em geral, muito pobres e sofrem da falta de medicamentos e de instalações adequadas. [...] salas de operações mal iluminadas e mesmo sujas, não apenas nas cidades pequenas, mas até em Valparaíso. [...] Os sanitários são sujos. Aliás, a consciência sanitária no Chile é deficitária. Os chilenos têm o costume (que eu depois observei em toda a América do Sul) de não jogar o papel higiênico usado na privada, mas no chão ou em alguma lata fornecida para esse fim. O nível de vida dos chilenos é inferior ao da Argentina. No sul do país, os salários são muito baixos, o desemprego é alto e os trabalhadores recebem pouquíssima proteção das autoridades (melhor, entretanto, do que a que é fornecida no norte do continente). Tudo isso causa ondas de imigração chilena para a Argentina, à procura das lendárias ruas pavimentadas com ouro com que a hábil propaganda política tem iludido os habitantes a oeste dos Andes.” / “Como país, o Chile oferece muitas possibilidades econômicas para qualquer um que queira trabalhar aqui, desde que não pertença ao proletariado, ou seja, desde que seja alguém com certo nível de educação e de conhecimento técnico. A terra pode manter gado suficiente (principalmente ovino) para alimentar a população, assim como cereais. O país tem recursos minerais que podem torná-lo fortemente industrial: ferro, cobre, carvão, ouro, prata, manganês e nitratos. A principal tarefa que o Chile tem agora é sacudir seu cansativo amigo ianque de suas costas, uma tarefa hercúlea, pelo menos por enquanto, dados os gigantescos investimentos norte-americanos no país e a facilidade com que os EUA podem fazer pressão econômica sempre que seus interesses são ameaçados (GUEVARA, 2000, p. 80-81).

Ao falar sobre a impressão que as pessoas do lugar têm sobre Ernesto, a explicação dada não reflete o pensamento daquelas, mais uma afirmação de si, uma consciência de si. Segundo Maheirie (2002, p. 33):

Consciência, para-si e subjetividade são conceitos que se referem a uma mesma coisa: a dimensão do sujeito que é capaz de negar a objetividade (em-si) como uma dimensão absoluta. Neste sentido, consciência é sinônimo de para-si, que é sinônimo de subjetividade.

Esse tipo de relação com a visão sobre si e a opinião que os outros têm dele somente pode ser formulada durante seu processo de mobilidade, como pode ser constatado na passagem:

Para aquelas pessoas simples, para quem Alberto exibiu seu certificado de médico, nós éramos uma espécie de semideuses, vindos de nada mais nada menos do que da Argentina, aquele país maravilhoso onde Perón e sua mulher, Evita, vivem, onde os pobres têm tanto quanto os ricos e o índio não é explorado nem tratado caluniosamente como o é aqui nesse país. Tivemos de responder a milhares de perguntas sobre nosso país e sobre a vida lá. Com o frio da noite ainda abraçando nossos ossos, a Argentina foi transformada em uma visão sedutora de um passado cor-de-rosa. Com o coração tocado pela gentileza tímida daqueles “cholos”, estendemos nossos lençóis em uma parte seca da margem do rio que corria ao lado da casa e dormimos, acariciados pelo calor do sol nascente (GUEVARA, 2000, p. 86-87).

Nesse trecho pode ser observado que determinadas barreiras na interação demandam mais tempo para serem superadas. Muitas vezes a questão da fronteira geográfica aparece com maior destaque nas discussões sobre mobilidade. No entanto, existem outras fronteiras cuja complexidade tem peso para garantir o pleno entendimento entre aqueles envolvidos nesse cenário. A noção de fronteira foi pensada de acordo como a tese de Augé (2010, p. 24), para o qual “Existem fronteiras naturais (montanhas, rios, desfiladeiros), fronteiras linguísticas, fronteiras culturais e políticas. A fronteira assinala [...] a necessidade de aprender para compreender”. O narrador-personagem então reflete:

Às cinco da tarde, paramos para descansar, notando a silhueta de um caminhão que se aproximava com indiferença; como sempre, estava carregado de gado humano, no que parece ser o negócio mais lucrativo por aqueles lados. Para nossa surpresa, o caminhão parou e nós vimos o guarda civil de Tacna nos acenando amigavelmente e nos convidando para subir a

bordo; obviamente, nós não precisamos que ele convidasse uma segunda vez. Os índios aimarás que estavam na carroceria do caminhão nos encararam com curiosidade, mas não tiveram coragem de perguntar nada. Alberto tentou conversar com alguns deles, porém o espanhol que falavam era muito fraco. O caminhão continuou a subir através daquela paisagem de absoluta desolação, onde apenas alguns poucos arbustos espinhosos davam a marca da vida. Então, de repente, o lamento trabalhoso do caminhão subindo a montanha deu lugar a um suspiro de alívio quando nós atingimos um planalto (GUEVARA, 2000, p. 87).

O narrador-personagem demonstra surpresa diante de uma nova paisagem, o que Bateson (1986) considera um estímulo, “um membro de uma classe de informação que surge através de um órgão sensorial”. Portanto, isso conduz Ernesto a buscar imediatamente os detalhes das coisas pelo olhar, pelo toque e troca de informações com os habitantes locais. O desenvolvimento desse aprendizado combina a disposição natural de aprender algo novo (novidade/informação nova) e a vontade de descobrir por meio da interação com as pessoas no que diz respeito aos costumes, ao modo de pensar, de ler a paisagem geográfica e a cultura. O modo como o narrador-personagem utiliza as palavras (linguagem figurada) preferindo termos que remetam aos cinco sentidos para relacionar a apreensão do recorte geográfico que o maravilha está presente no fragmento:

Chegamos à pequena cidade de Estaque e a vista era maravilhosa; contemplamos, encantados, a paisagem à nossa frente e passamos a querer saber os nomes e as devidas explicações de tudo o que víamos. Os aimarás mal nos entendiam, mas a pouca informação que conseguiram nos dar em seu espanhol confuso só aumentou o impacto causado pelo que víamos à nossa volta. Estávamos em um vale encantado onde o tempo havia parado alguns séculos antes, e o qual nós, mortais afortunados, até ali presos ao século XX, tivemos a dádiva de conhecer. Os canais de irrigação – construídos pelos incas para o benefício de seus súditos – corriam para o fundo do vale, formando mais de mil quedas-d’água que ziguezagueavam ao redor da estrada, enquanto esta descia a montanha em espiral. À nossa frente, nuvens baixas encobriam o topo da cordilheira, mas através de intervalos aqui e ali podia-se ver a neve caindo nos picos mais altos, pintando-os gradualmente de branco. Plantações de vegetais variados, cultivados organizadamente pelos índios em desníveis do terreno, abriram toda uma nova seção da botânica para nós: oca, quinua, canihua, rocoto, milho. As pessoas que víamos pareciam estar em seu hábitat natural, vestidas como os índios que dividiam o caminhão conosco, com ponchos coloridos feitos de lã, calças justas que iam até a altura da batata da perna e sandálias feitas de corda ou de pneus velhos.

Bebendo avidamente daquela vista, nós continuamos a descer o vale, em direção a Tarata. No idioma aimará, Tarata quer dizer entroncamento, local de confluência, e foi assim batizada porque fica no vértice de um grande “V” formado pelas cadeias de montanhas que a protegem. É uma cidadezinha milenar e pacífica, onde a vida segue da mesma maneira como tem sido por séculos. Sua igreja colonial deve ser uma gema arqueológica, porque, além de bastante antiga, combina a arte europeia importada com o espírito dos índios locais. Ruas estreitas em diversos níveis, pavimentadas com pedras tiradas de lá mesmo, mulheres nativas carregando seus filhos nas costas...

Resumindo, com tantas cenas típicas, a cidade relembra os dias anteriores à conquista espanhola. Mas o povo não é mais a mesma raça orgulhosa que, era após era, resistiu à dominação dos incas, forçando estes a manter um exército permanente na fronteira; estas pessoas que nos observam caminhar pelas ruas da cidade formam uma raça derrotada. Elas nos olham servilmente, quase que com medo, completamente indiferentes ao mundo exterior. Algumas dão a impressão de continuar vivendo simplesmente porque este é um hábito do qual não conseguem se livrar (GUEVARA, 2000, p. 88-89).

O narrador-personagem se defronta com aspectos da cultura do outro que lhe causam estranheza. O julgamento que realiza se deve ao fato de sua educação burguesa, eurocêntrica e em ambientação urbana. Portanto, bem distante da realidade, totalmente distinta daquela do lugar onde registra suas observações. Além disso, ele parece desconsiderar o importante critério de relativismo cultural.

Pode parecer contraditório, todavia, esse espanto somente foi possível diante de uma nova informação, que sendo posteriormente processada pode estabelecer uma nova perspectiva de mudança. Segundo afirma Augé (2010), “As fronteiras não se desfazem jamais, elas se redesenham. [...] A fronteira, nesse sentido, tem sempre uma dimensão temporal: é a forma do devir e, talvez, da esperança”. Portanto, representa uma particularidade da fronteira cultural que se sustenta em certo grau de tensão entre o narrador-personagem e o outro que se infiltra pelo contato durante o período transitório de deslocamento, o que pode ser interpretado como uma manifestação de preconceito. Assim, sobre os indígenas, diz Ernesto que:

A noção um tanto quanto primitiva que os índios têm de higiene pode ser resumida no fato de que, independentemente do sexo ou da idade, eles fazem suas necessidades pelo caminho, as mulheres limpando-se em suas saias e os homens, nem isso, e continuam como se nada tivesse acontecido. As anáguas das índias com filhos são verdadeiros depósitos de excremento, já que elas passam o pano na bunda das crianças toda vez que estas se agacham (GUEVARA, 2000, p. 124).

O narrador-personagem entra em contato com novas informações ampliando o seu aprendizado sobre o continente. Entretanto, pode-se perceber como prevalece o caráter de subjetividade na sua reflexão, que muitas vezes, parece ser produto (considerado do ponto de vista filosófico) de pré-conceitos. Segundo Maherie (2002, p. 35):

Na reflexão espontânea não há crítica, apenas me absorvo totalmente no objeto do qual sou reflexão. Este tipo de reflexão é a mais frequente no

cotidiano dos sujeitos, sustentando a imaginação, a criatividade, as emoções e produzindo uma determinada compreensão a respeito deste cotidiano. Nesta forma de refletir, podemos produzir emoções libertadoras, aliadas à criatividade, à emancipação dos outros e de nós mesmos, assim como podemos produzir emoções cerceadoras da existência dos sujeitos, apreendendo sem maiores questionamentos a ideologia dominante.

O narrador-personagem caracteriza identidade a partir do seu olhar subjetivo e superficial, baseando suas ponderações somente na aparência exterior das pessoas, o que se apresenta como um equívoco, considerando que para Hall (2011, p. 22):

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (classe) para uma política de diferença.

Uma longa reflexão e operada pelo narrador-personagem:

O fato de que tenha sido o arqueólogo norte-americano Bingham quem descobriu as ruínas de Machu Picchu e que ele tenha publicado seus achados em artigos com uma linguagem acessível ao grande público fez com que o lugar se tornasse muito famoso nos Estados Unidos, e a maioria dos norte-americanos que visitam o Peru vem até aqui (normalmente, voam diretamente para Lima, passam por Cuzco, visitam as ruínas e vão correndo de volta para casa, sem se importar em ver mais nada). O Museu Arqueológico de Cuzco não é muito bom. Quando as autoridades perceberam o tamanho do tesouro que estava sendo contrabandeado para fora do país, já era tarde demais. Caçadores de tesouros, turistas, arqueólogos estrangeiros e, na verdade, qualquer pessoa com algum interesse mínimo no assunto já saquearam sistematicamente a área e o que está no museu local hoje são as sobras, pouco mais do que resíduos do que havia antes. Ainda assim, para pessoas como nós, que não sabíamos nada sobre arqueologia e tínhamos apenas uma vaga noção do que foi a civilização inca, com nossa imersão recente, o museu tinha até bastante coisa para ver, e nós passamos alguns dias nele. O curador era um mestiço muito culto, com um interesse apaixonado pela raça cujo sangue lhe corria nas veias. Ele nos falou das glórias passadas e da pobreza atual, da necessidade premente de educar os índios como um primeiro passo na direção de sua reabilitação completa. Insistiu que a melhora o mais rapidamente possível do nível de vida das famílias indígenas era a única maneira de mitigar o efeito soporífico da coca e do álcool, e nos falou sobre a ideia de espalhar conhecimento real sobre a nação quíchua para que as pessoas dessa raça pudessem sentir-se orgulhosas de seu passado, em vez de, ao olhar para o seu presente, sentirem vergonha de suas condições como índios ou mestiços. O problema da coca estava sendo debatido nas Nações Unidas na época, e nós contamos a ele nossa experiência infeliz com a folha. Ele disse que o mesmo tinha ocorrido com ele, e começou a xingar os que fazem lucro fácil envenenando um número enorme de pessoas. Juntos, os collas e os quíchuas formam o maior grupo étnico no Peru, e são eles que consomem a coca. As feições meio índias do curador e seus olhos brilhando de entusiasmo e fé no futuro eram mais dois dos tesouros do museu. O seu

“museu” era um museu vivo, prova de uma raça que ainda luta por sua própria identidade (GUEVARA, 2000, p. 125-126).

Nesse trecho o narrador-personagem busca por informação de sua própria experiência sociocultural. Onde a informação pode ser encontrada numa cidade? Em muitos lugares: em uma biblioteca, museus, observatórios, exposições etc. Esse tipo de informação difere daquela que o narrador-personagem experimenta diariamente em sua viagem, geralmente dependendo de um estímulo sensorial espontâneo para iniciar o processo de apreensão do dado novo apresentado. Além disso, as fontes de informação podem variar muito, de forma, conteúdo e suporte. Bateson (2000), Anderson (2008) e Robredo (2003) reconhecem a informação como algo que transpõe os limites da definição de documentos, ou fontes convencionais de informação. Porém, isso não significa que no processo de educação convencional esses mesmos estímulos sensíveis não se manifestem ou tampouco deixem de ter sua importância reconhecida. Assim, o narrador-personagem revela: “Na manhã seguinte, fomos ao Museu Arqueológico e Antropológico. É um lugar magnífico, mas nós não tivemos tempo para ver tudo o que havia ali” (GUEVARA, 2000, p. 147).

O narrador-personagem faz um breve retrospecto positivo de sua viagem no que tange às informações novas que adquiriu resultado do encontro de diferenças. Como afirma Ferreira (2017, p. 224), “Nesse encontro das diferenças entre os de cá e os de lá, têm-se, assim, aprendizados e trocas mútuas de informação e de conhecimento que acrescentam outros sentidos à experiência migratória.” Desse modo, Ernesto recapitula:

Os vários aspectos de nossa viagem corriam bem. No que toca à expansão de nossos conhecimentos, fomos a museus e bibliotecas. [...]. Do ponto de vista científico, do estudo da lepra, quero dizer, conhecemos o Dr. Pesce; todos os outros são apenas seus discípulos e estão longe de produzir qualquer coisa digna de nota. Não existem bioquímicos no Peru, então os médicos especialistas fazem o trabalho de laboratório [...] (GUEVARA, 2000, p. 149).

Numa passagem já na parte final do texto, o narrador-personagem se expressa, assumindo uma de suas facetas identitárias - o explorador, viajante, aventureiro, vagabundo, pesquisador, estudante - reveladas ao longo da viagem. Ele conclui (GUEVARA, 2000, p. 153): “Com nossas mochilas nas costas, parecendo

exploradores, subimos a bordo do La Cenepa poucos minutos antes que ele partisse. Como prometido, o capitão nos colocou na primeira classe, onde nos misturamos com os passageiros privilegiados”.

O narrador-personagem integra a seu vocabulário palavras e expressões típicas da cultura local, o que também demonstra produção de diferença, pois ele modifica o seu comportamento e amplia sua bagagem cultural. Não se trata somente de adquirir uma palavra nova, porém, tudo o que ela representa naquele contexto. Ele percebe que: “[...] todos estávamos com os espíritos já elevados, o diretor da colônia propôs um brinde a nós, algo muito tocante, e eu, já bastante “*piscozado*” [...]” (GUEVARARA, 2000, p. 163).

Nesse ponto da narrativa, o narrador-personagem faz um relato objetivo sobre os eventos da viagem e demonstra sentir que poderia assumir uma identidade dentre as tantas que experimentou. Assim afirma:

O lugar todo é muito agradável, cercado pela selva, com tribos aborígenes a pouco menos de dois quilômetros, as quais visitamos, é claro. Com uma abundância de peixes e caça para comer por todo lado e uma riqueza potencial que nos fez sonhar em cruzar o Mato Grosso por rio, do Paraguai para o Amazonas, praticando a medicina por onde passarmos, e por aí vai... um sonho como ter sua própria casa... talvez um dia... Estávamos nos sentindo um pouco mais como exploradores de verdade, e decidimos descer o rio em uma balsa fantástica que o pessoal da colônia construiu para nós (GUEVARA, 2000, p. 171).

4.4 Resumo biográfico de Tatiana Belinky

A fonte utilizada para discutir sobre a autora de *Transplante de menina* corresponde à sua biografia intitulada: ...E quem quiser que conte outra história, escrita por Sérgio Roveri e publicada em 2007 pela editora da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Segundo Roveri (2007), Tatiana Belinky, autora de histórias e poemas infantis, tradutora e roteirista de televisão, nasceu em Petrogrado, atualmente, São Petersburgo, na Rússia em 1919 e faleceu na cidade de São Paulo em 2013.

A viagem para o Brasil, que levou vinte e dois *fascinantes e deslumbrantes dias* (BELINKY, 2008 p.159, *grifo nosso*) incluiu a travessia do oceano Atlântico em um navio transatlântico (General Mitre) – transporte mais comum na época para empreender tal travessia - que saiu de Hamburgo, Alemanha. Porém, para chegar

até lá, o percurso contou com o trajeto saída de Riga, na Letônia por meio de trem até Berlim e somente, depois para Hamburgo, para, em seguida seguir para o Rio de Janeiro no Brasil, onde a família permaneceu por uma curta temporada. Logo depois, seguiram para o porto de Santos - já no estado de São Paulo - e finalmente, chegaram à cidade de São Paulo no mês de setembro de 1929, com os pais e os dois irmãos mais novos para fixar residência na Rua Jaguaribe, no bairro de Santa Cecília.

A família enfrenta as divergências culturais e as dificuldades de adaptação, referentes aos costumes e hábitos, a língua, o clima, tradições. Além disso, integrava a luta pela sobrevivência enfrentada por qualquer cidadão do país naquele momento histórico, a procura por emprego e estabilidade financeira.

Inicia os estudos no Colégio Presbiteriano Mackenzie, onde permanece até 1937, quando conclui o curso comercial e começa a trabalhar como secretária bilíngue e taquígrafa. Ingressa na Faculdade de Filosofia São Bento, todavia, não conclui o curso. Já em 1940, casa-se com o médico psiquiatra Júlio Gouveia.

Alguns meses depois, quando seu pai morre, em acidente aéreo, assume seus negócios, atuando durante seis anos como representante de produtores de celulose em fábricas de papel, até que se restabeleçam as condições econômicas da família.

Entre os anos de 1948 a 1951, ela e o marido recebem o convite de uma sociedade beneficente presidida por amigos e com o apoio da prefeitura, para adaptar e encenar peças infantis em apresentações gratuitas em teatros de toda a cidade de São Paulo. O sucesso do projeto resulta em convite da TV Paulista para que o formato de teatro infantil desenvolvido por Tatiana Belinky seja levado à televisão.

Desse modo, com texto adaptado por Gouveia, encenam *A Pílula Falante* e *O Casamento de Emília*, de *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. No ano de 1952, o casal foi chamado para realizar um programa semanal no canal de televisão Tupi (tudo realizado *ao vivo* pois na época a televisão não contava ainda com recurso de *vídeo tape*). No início eles levam ao ar *Fábulas Animadas*, adaptações realizadas por Tatiana a partir de contos de fadas e histórias fantásticas, que ela conhecia bem desde a infância em Riga.

Pouco tempo depois criam O Sítio do Pica-Pau Amarelo, série inspirada na obra homônima de Monteiro Lobato, que contava com cerca de 350 episódios, montados entre 1968 e 1969 para a TV Bandeirantes.

Quando deixa a televisão, a autora assume o setor infanto-juvenil da Comissão Estadual de Teatro do estado de São Paulo, entre 1972 a 1979, atuando, principalmente, como colunista, escrevendo crítica de teatro e de literatura infantil em jornais paulistas, como Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo, Jornal da Tarde e Gazeta de Pinheiros.

Nesse período publica, em 1984, Teatro da Juventude, que reúne suas adaptações da literatura para o teatro. Como efeito da repercussão dessa publicação, ela recebe o convite de uma editora para lançar seus primeiros trabalhos autorais. Assim, em 1985 sai: A Operação Tio Onofre e Medroso! Medroso!

Como demonstrava um domínio dos idiomas inglês, russo, alemão e iídiche, foi escalada por editores para traduzir obras de Anton Tchekhov, irmãos Jacob e Wilhem Grimm, entre outros, e a adaptar livremente clássicos da literatura, como Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, o que serve para demonstrar a amplitude do seu envolvimento com a literatura e sua contribuição para promovê-la. Muitas de suas publicações receberam prêmios literários, entre elas o célebre Prêmio Jabuti, recebido em 1989. No ano de 2010, foi contemplada com a comenda da Ordem do Ipiranga pelo Governo do Estado de São Paulo.

O conjunto de sua obra é composto de mais de 120 títulos, entre traduções, adaptações, memórias, poesia e prosa. A autora Tatiana Belinky, escreveu sempre cultivando um olhar de criança, mas nunca ingênuo sobre a realidade, resultado dos efeitos da migração de sua terra para um lugar distante e exótico quando ainda era uma menina (parece que as convulsões sociais que ela presenciou congelaram sua perspectiva no tempo de sua infância marcada pela sombra da violência), e portando, ela propõe aos leitores infanto-juvenis reflexões sérias a respeito da natureza humana, demonstrando preocupações humanísticas, porém, frequentemente utilizando o humor e empregando recursos simbólicos que busca cultivar uma linguagem própria para expressar suas ideias e sempre no nível de compreensão característico do universo infantil.

Nesse sentido, vale destacar como exemplo, *A Operação Tio Onofre*, cuja história tematiza o medo e a coragem com base em Talita, menina que tem o hábito de atribuir a objetos nome de pessoas. Tio Onofre é o cofre que deve ser aberto sob

a ameaça de assaltantes que invadem a casa. O exercício de vocabulário pela aproximação sonora serve de código para a interrupção do crime. Durante o roubo, o telefone da casa toca, e Talita deve atender para que não se levantem suspeitas sobre a ocorrência do crime. Quem está do outro lado da linha é o pai, e a protagonista recorre à metáfora de "Tio Onofre" para alertá-lo de que está em perigo. O enfrentamento do medo e a relação familiar baseada na boa comunicação entre pais e filha permitem, portanto, a superação da adversidade.

Essa é uma referência que estava intimamente relacionada à atmosfera do período que se antecipava os efeitos da II Guerra Mundial em que o medo era uma emoção experimentada com frequência por ela, seus familiares e outros judeus.

Existem alguns temas que são recorrentes e que permeiam os textos de Tatiana Belinky: a tolerância ao outro; o respeito à diversidade; direitos humanos e a luta por direitos iguais entre homens e mulheres, especialmente, no campo das atividades de trabalho. Isso pode ser observado em *O Caso dos Ovos*, que faz uma paródia da organização do trabalho na sociedade para evidenciar a legitimidade da luta por direitos e da busca por justiça social. Resumindo sua insatisfação na palavra de ordem "galinha bota o ovo, coelho leva a fama", as poedeiras entram em greve, exigindo de seu chefe, o Coelho da Páscoa, que cada ovo leve o nome de sua produtora.

A história de vida de Tatiana Belinky pode ser inserida no contexto histórico do povo judeu, que compreendem a necessidade de separação dos membros de sua comunidade como uma contingência às violações de seus direitos, entretanto, se enxergam, *imaginam-se* sob a forma de uma nação mesmo a despeito das limitações territoriais. Isso coincide com o argumento de Anderson (2008, p. 32) para o qual: "[...] dentro de um espírito antropológico, proponho a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, e ao mesmo tempo, soberana".

Portanto, muito embora, tenham sido marcados por deslocamentos que delineavam novos horizontes constantemente e desse modo, não possuíssem a referência de terra, território, nação geograficamente estabelecida, podendo serem considerados uma *nação em movimento*, sempre se mantiveram fiéis a união por laços culturais representativos de ordem de pertencimento, como sangue, raça, religião. Essa ocorrência se deve ao fato da ausência, inexistência ou falta (pelo menos, até o ano de 1947, quando é estabelecido o Estado de soberania de Israel,

com o status de nação), de um Estado-nação próprio, mas, isso nunca removeu deles suas raízes e referências culturais. Ainda que, o devir de sua trajetória histórica tenha contribuído para imprimir alterações de identidades constantes que acompanhavam o curso de sua mobilidade.

4.5 Sobre o livro

Transplante de Menina está dividido em duas partes. A primeira, intitulada de Rússia – Brasil, reporta o período da infância e a ocasião que antecipava os preparativos da viagem para o Brasil. A segunda, intitulada de Brasil – São Paulo, traduz as impressões da chegada em São Paulo e o processo de adaptação. O livro foi publicado pela editora Uno em 2008.

Em seu conteúdo não há prefácio ou posfácio, ou um texto de análise da obra. Nas páginas iniciais figura uma nota dedicada ao seu pai, à sua mãe e seu irmão. No final do livro há uma página intitulada Autor e Obra, assinada pela autora, que segundo ela: “deveria ser um pequeno bate-papo com os meus jovens – de todas as idades – leitores” (BELINKY, 2008, p. 160), que pode funcionar como uma síntese biográfica pessoal ou até mesmo como uma sinopse do livro, em que ela relata, brevemente, suas impressões sobre as transformações ocorridas no mundo bem como demonstra seu afeto pelo Brasil, sua cultura e seu povo.

A pesquisa enquadrou o livro como literatura de viagem considerando aspectos informacionais fidedignos como datas, nomes de pessoas e lugares, contexto histórico e descrição da percepção cultural do país de acolhimento, além da narrativa autobiográfica em que a voz da narradora-personagem demonstra todo o processo de deslocamento, essa intenção reverbera e pode ser constatada nas palavras da própria autora: “E o que vou contar é tudo **verdade verdadeira**” (BELINKY, 2003, p. 11, *grifo nosso*). No entanto, deve-se considerar como uma possibilidade de abertura crítica que a autobiografia é um gênero híbrido (VARGAS, 2016) que reúne relatos verídicos e dados de base histórica que são combinados a um espectro ficcional relevando os limites da memória.

O texto que compõe o livro é resultado de um relato de memória em que a narradora-personagem (e também autora) descreve eventos relacionados aos anos que antecederam seu deslocamento e aos acontecimentos que se desenvolveram no decorrer do tempo de sua adaptação no país escolhido para fixar residência

definitiva. Revela um quadro sustentado por imensa carga afetiva e emocional e embora, a autora tenha inserido elementos considerados burlescos em algumas passagens, provavelmente, objetivando atenuar o impacto dramático que originou a história por ela narrada, ainda é possível perceber uma angústia densa proveniente do elo com seu passado assombrado pelo fantasma da guerra.

O conteúdo textual apresentado não é uma descrição detalhada de toda a sequência integral de acontecimentos da vida da narradora-personagem, “[...] cuja soma representa nossa biografia”, como argumenta Berger (2001). É mais uma interpretação (e eventualmente, uma reinterpretação) de suas memórias adaptadas no contexto contemporâneo que exerce certo grau de influência causado pelo distanciamento temporal, entre o momento que ocorreu a experiência e o momento de sua escrita, pois, o deslocamento humano promove um encontro das culturas na contemporaneidade, como bem destaca Glissant (1996), tornando o argumento da narrativa suscetível às impressões da nova realidade cuja autora estava inserida. Além disso, é uma atividade de compilar os acontecimentos “*em ordem cronológica e de importância*” (BERGER, 2001, *grifos nossos*) condicionada à determinada finalidade, nesse caso, contar sua própria versão de sua história.

A alternância das vozes que narram, que ora é representada pela menina, a criança migrante, outra pela mulher já adulta, que narra os fatos no território estrangeiro que ela passou a integrar e outra pela autora de 70 anos, consagrada por publicações de livros infantis, que deixa sempre repercutir um sinal, uma expressão ou um gesto relativo à sua identidade cultural, o que é perfeitamente compreensível, pois migrar não significa renunciar às suas raízes identitárias para poder obter aceitação num novo território. No entanto, o contato com novas informações (FERREIRA, 2017) estimula mudanças (BATESON, 2000) e resulta em alteração da identidade, como sugere Hall (2011), provocando a manifestação de outras possíveis identidades.

4.6 A produção de diferença em transplante de menina

A narradora-personagem reconhece sua condição identitária de migrante (ou estado, seguindo a linha dos argumentos de Hall (2011) quanto à noção de “descentração”) e depois assume a identidade brasileira ao casar-se. Em São Paulo ela experimentou a nova identidade, notadamente influenciada pelo meio, no contato

com o outro, com novas informações, como sugerem Ferreira (2017) e Ferreira, Albagli e Corsini (2018), experimentando também novos processos de subjetivação (GUATTARI; ROLNIK, 1996). A diferença surgiu na experiência da personagem tanto em um processo educativo formal quanto pelas relações construídas no cotidiano vivido na sociedade de recepção. Isso pode ser constatado quando ela afirma:

[...] então sou – ou fui – imigrante. Mas sou brasileira como consta no meu “RG” - casada com brasileiro, com filhos e netos brasileiros: marido santista, filhos e netos e bisnetos paulistanos. E que ninguém venha me dizer que, por ser naturalizada (com jamegão de Getúlio Vargas no meu título de naturalização), eu sou estrangeira (BELINKY, 2008, p.10).

As consequências do deslocamento se manifestam no cotidiano da narradora-personagem. A necessidade de adaptação se torna urgente, portanto, aprender a língua e seus traquejos característicos podem auxiliar na comunicação, principalmente, para saber se deslocar dentro da cidade, além de outras coisas práticas que dependem da interação social. A preocupação da narradora-personagem com o distanciamento da realidade europeia se deve a uma condição de dupla vinculação cultural, que a leva a perceber a si mesma como migrante tornada “artificialmente” paulista, brasileira, todavia, sem abandonar a identidade ligada à condição de ser estrangeira.

A narradora-personagem torna explícito o esforço, a dedicação e o tempo despendido no aprendizado e adaptação à nova realidade em um novo lugar:

Aqueles primeiros anos foram anos de aprendizado e adaptação de luta para absorver e assimilar uma enorme quantidade de impressões e de dados novos, de novas coordenadas. Coisas que ora me pareciam boas e agradáveis, ora más e dolorosas; ora interessantes e fascinantes, ora estranhas e incompreensíveis. Era um verdadeiro choque cultural, agravado pelo fato de nos encontrarmos aqui “sozinhos” – isto é, a nossa pequena família nuclear – pai, mãe e três crianças - , distantes e isolados da grande, aconchegante e unida família, e dos muitos amigos que deixamos para trás, lá no norte da Europa (BELINKY, 2008, p. 11).

A narradora-personagem expõe características de sua educação, tipicamente burguesa. Essa constatação se baseia na evidência de códigos culturais que orientam níveis de distinção social, como indumentária, a linguagem, o comportamento, o grau de formação educacional, origem, posses, reputação. Isso é constatado no trecho em que ela afirma: “Vimo-nos de repente no meio de pessoas

bem diferentes de nós, no aspecto, na roupa, nos modos de falar e se conduzir, e só isso já era o começo de uma aventura” (BELINKY, 2003, p. 57).

O repertório informacional contribuiu muito para o desenvolvimento do seu aprendizado no meio cultural diverso do país de acolhida. Além disso, o desenvolvimento da interação pode contribuir para promover, por meio, especialmente, das trocas de informações tornando-se determinante para operar as inúmeras mudanças e produção de diferença como argumenta Bateson (1986). Assim é demonstrado:

Mamãe tinha uma bonita voz de soprano dramático, quente e modulada, e cantava com sentimento e expressão, tanto cantigas de ninar como canções ciganas, românticas e populares, árias de ópera e opereta, músicas folclóricas e humorísticas, canções de protesto e marchas revolucionárias, em russo, alemão e iídiche. Ouvi-la era sempre agradável e interessante, e – pela extensão e variedade do seu repertório – até mesmo bem informativo. Muitos dos temas e das letras das músicas que ela cantava eu só vim a entender direito mais tarde – mas, na hora, era sempre uma delícia. [...], em termos de educação artística, do desenvolvimento da apreciação e do gosto pelas coisas bonitas do mundo, nós, crianças, tínhamos em casa um prato cheio. Entre os livros – e eram livros mesmo, não havia revistinhas nem gibis, e nem mesmo os livrinhos “magros e, de certa forma, descartáveis, que pululam agora --, as poesias e as histórias de papai, as canções de mamãe, e a vitrolinha de manivela; e mais as muito esperadas saídas, de vez em quando, para o teatro, cinema, balé, música, mágica e circo-maravilha; objetos antigos, esculturas – no meio de tudo isso, ainda nos sobrava tempo para brincar m casa (BELINKY, 2008, p.17).

A narradora-personagem, enquanto se refere a um dado evento ocorrido no seu passado, ainda na Letônia, utiliza um termo comum à língua portuguesa que ela teve que aprender quando migrou para o Brasil: “Em Riga, naquela época, falava-se normalmente – pelo menos na nossa classe ‘burguesa’ – três idiomas: russo, alemão e ‘até’ letoniano, a língua da terra, a do ‘povão”” (BELINKY, 2008, p. 30). Esse tipo de relação indica que a narradora-personagem parece ter introjetado a língua ao seu campo de subjetivação, de modo inconsciente (ou até consciente) contribui para estabelecer um posicionamento de relevo distintivo de valor no estrato social denotando um grau de preconceito e discriminação (despercebido por ela e seus familiares) que parece ser característico de sua origem europeia.

No entanto é interessante assistir essa manifestação originada de pessoas que fugiram exatamente desse tipo expressão injustificada de rejeição e intolerância às diferenças. Um trecho da narrativa marca essa impressão, além de oportunizar a observação do uso de recursos linguísticos (diminutivos das palavras e adjetivos

para louvar qualidades na personagem, menino-branco e adjetivos depreciativos e eufemismo para desqualificar as personagens, grupo de pessoas negras) para atenuar resultado dentro da composição textual:

Outras pessoas juntaram-se a nós na procura da criança desaparecida, marinheiros acorreram para nos ajudar, falava-se em menino caído ao mar, mamãe chorava desesperada – um horror! Até que alguém se lembrou de procurar no porão do navio. Descemos todos, tremendo de medo, andamos um pouco – e eis que de repente deparamos com um quadro insólito: sobre uma mesa, **cercado por rostos negros e sorridentes**, lá estava o nosso **irmãozinho, branquinho e dourado**, com seu **cabelinho cor de palha milho**, seus **olhinhos** redondos **cor-de-céu**, no meio daquele **negrume todo**, feliz e risonho, cantarolando e rebolando a barriguinha gorda sobre as perninhas roliças. Mamãe precipitou-se para ele, agarrou-o e arrancou-o de lá, como se aqueles bons crioulos estivessem ali para no mínimo comê-lo vivo... E foi esse o fim daquele episódio. Que para mim ainda teve o encanto especial, com sabor de aventura, de eu me ver de repente diante de uma porção de homens negros “de verdade”, ao vivo, e não figuras de livros... (BELINKY, 2008, p. 60-61 *grifo nossos*).

Um pouco depois avançando no percurso narrativo se apresenta uma inversão circunstancial em que a narradora-personagem experimenta a discriminação:

Na Rua Jaguaribe teve início, para nós, crianças, uma vida nova, que no começo foi muito difícil, por causa do idioma desconhecido, dos costumes desusados, do ambiente, do clima, e até da roupa que trouxemos conosco, especialmente a do meu irmão. [...]. Mas os meninos **caçoavam** dos nossos trajes, chamavam meu irmão de **mariquinhas**, perguntavam se aquilo era fantasia de carnaval... Nós nem sabíamos o que era carnaval [...] (BELINKY, 2003, p. 84 *grifo nossos*).

Incorporação ao vocabulário de termos populares da língua que só foram possíveis no evento de contato cotidiano com o meio cultural novo. Segundo Ferreira (2017) e Ferreira, Albagli e Corsini (2018), esse tipo de aquisição de informação ocorre por meio educacional tanto formal quanto informal. Desse modo se apresenta uma situação ocorrida no país de origem e ela traduz a emoção referente utilizando termos da língua apreendida no país de acolhimento: “E ainda anos mais tarde , quando eu queria me dar um susto “daqueles”, era só eu dizer baixinho, ou mesmo só pensar – “o cachorrão da Héchka!” – para meu coração disparar e eu reviver, numa espécie de “curtição perversas’, a tremedeira que me deu naquele dia” (BELINKY, 2008, p.43). Produção de diferença essa reconhecida pela incorporação de palavras ou/e expressões típicas do país hospedeiro: “Aí papai me disse, numa boa, [...]” (BELINKY, 2008, p.45).

A falta de informação ou conhecimento prévio sobre o país demonstrado pela narradora-personagem causou grande impacto cultural. Esse choque poderia ser evitado ou mesmo reduzido por meio da educação que, segundo Augé (2003, p. 108), integra uma dimensão de tempo, pois “[...] aprender a se deslocar no tempo, aprender a história, é educar o olhar focado no presente, prepará-lo, torná-lo menos ingênuo ou menos crédulo, torná-lo livre. A educação continua sendo a melhor garantia.” A narradora-personagem expõe:

A minha ideia do Novo Mundo não incluía a América do Sul: para mim, graças aos meus livros, América significava, por um lado, índios apaches e, por outro, os tais arranha-céus, espécie de casas nunca vistas, tão altas que chegavam até as nuvens, mais altas que qualquer torre de igreja que eu conhecia – e que eram as construções mais altas de Riga. E do Brasil eu não sabia nada, ou quase nada. Na verdade, na minha cabeça, só duas coisas incluíam esse nome: um selo postal da coleção de papai, com a estampa de sacas de café e os nomes Santos e Brasil. E a letra de uma de uma musiquinha em voga, que os adultos cantarolavam, e que dizia: “...e quando chegar o cruzador brasileiro, o capitão vos contará sobre as gueixas, a cínica (!) dança africana e o famoso holandês voador...” Coisa sem pé nem cabeça, puro nonsense, que só serviu para me confundir ainda mais (BELINKY, 2008, p. 51).

Outro trecho do texto contribui para compreender os efeitos do choque cultural experimentados pela narradora-personagem através da ênfase expressada em sua declaração: “E os meus primeiros anos no Brasil, em São Paulo, Rua Jaguaribe, foram uma verdadeira ‘pororoca’, um *choque cultural*, um terremoto psicológico” (BELINKY, 2003, p. 160 *grifo nossos*).

Em outro trecho do livro de Belinky fica explícita por meio do relato da narradora-personagem uma das razões que fez ela e sua família se deslocarem para outro país. Segundo a definição do Glossário sobre Migração da Organização Internacional para as Migrações (IOM, 2009, p. 40), a migração corresponde a um:

Processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocamento de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes econômicos.

Portanto, a narradora-personagem pode ser caracterizada, duplamente, como uma refugiada, obrigada a abandonar seu país que estava sob o efeito político e ideológico do período chamado de Entre Guerras (I Guerra Mundial 1914-1918 e II

Guerra Mundial 1939-1945) e migrante econômico considerando a situação da economia da Europa naquele período. Assim pode ser observado que “[...] embora um dos motivos da nossa emigração, como eu entenderia bem mais tarde, fosse as negras nuvens políticas que já se aproximavam ameaçadoras da Europa e do mundo” (BELINKY, 2008, p.53). Esse quadro é reforçado em outro trecho da narrativa:

[...] As razões dessa aventura eram para nós, crianças, muito nebulosas, a gente só percebia vagamente que havia no ar certa tristeza, apesar da “fachada” otimista ostentada por papai e mamãe. Só anos mais tarde eu iria compreender que os motivos da nossa emigração eram tanto políticos como econômicos, e que papai perdera tudo o que tinha – o que explica por que chegamos ao Brasil sem nada, praticamente com a roupa do corpo. (BELINKY, 2003, p. 52).

A narradora-personagem percebe-se num processo novo que é decorrente de seu deslocamento. A sua identidade torna-se cambiante, começa ficar descentrada e fragmentada como afirma Hall (2011, p. 34):

Aquelas pessoas que sustentam que as identidades modernas estão sendo fragmentadas argumentam que o que aconteceu à concepção do sujeito moderno, na modernidade tardia, não foi simplesmente sua degradação, mas seu deslocamento.

Portanto, sendo o seu lugar no mundo o desterritório. Contudo, não ocorre com a narradora-personagem aquilo que Guattari (1996 p. 284) diz ocorrer:

[...] um outro perigo nos espreita. Fatal agora pode ser o fascínio que a desterritorialização exerce sobre nós: ao invés de vivê-la como uma dimensão - imprescindível - da criação de territórios, nós a tomamos como uma finalidade em si mesma. E, inteiramente desprovidos de territórios, nos fragilizamos até desmanchar irremediavelmente.

Outra questão relevante nesse sentido, é que a narradora-personagem em sua manifestação subjetiva, inconscientemente, não internaliza o rótulo de vítima, o que nos argumentos de Mezzadra (2005, p. 46) é positivo:

[...] para a subjetividade dos migrantes, nos elementos de "riqueza" daqueles que são portadores, propõe-se confrontar a imagem do migrante como um sujeito fraco, marcado pela punição da fome e da miséria e necessitando mais do que qualquer outra coisa de cuidado e assistência. , uma imagem que se espalhou amplamente, particularmente na Itália, nos últimos anos.

Desse modo, o trecho que expressa essa ideia é:

O General Mitre tinha três classes: a primeira, dos passageiros ricos, que viajavam a passeio, toda bonita, com piscina, salão de festas, essas coisas; a segunda, tipo “turistas”, ainda boa e relativamente confortável; e a terceira, bem simples, para dizer o mínimo, que era a nossa, preponderantemente de imigrantes, gente sem recursos, que ia tentar a sorte, começar vida nova, em terras distantes e desconhecidas. A maioria das pessoas da terceira classe era gente do povo, camponeses, trabalhadores braçais, operários, gente pobre, fugindo da miséria e da falta de perspectivas da própria pátria, na esperança de melhorar de vida, ganhar e economizar algum dinheiro, para depois voltar ao país de origem, ou então mandar buscar a família, quem sabe. Ninguém era como nós, gente de classe média, de nível universitário, como a mamãe, por exemplo. Vimo-nos de repente no meio de gente bem diferente de nós, no aspecto, na roupa, nos modos de falar e se conduzir, e só isso já era um começo de aventura. Felizmente, a mamãe, como membro da intelligentsia, era uma grande democrata, e já tivera muito contato com o “povão”, quando, ainda antes da Revolução Russa, recebia e tratava no seu consultório dentário muitos operários de uma grande indústria de São Petersburgo. [...] ela sabia relacionar-se muito bem com as pessoas daquela classe social, as quais, por sua vez, à sua própria maneira rude e direta, foram muito cordiais conosco (BELINKY, 2008, p. 56-57).

A língua desempenhou um dos mais potentes papéis na produção de diferença da narradora-personagem. Ela realiza o aprendizado de termos novos, de modo bem lúdico, mas, ao mesmo tempo, nota-se o comprometimento com a necessidade de adaptar-se à nova realidade. Então ela associa o conhecimento que detém de sua língua original para poder alcançar a expressividade da língua estrangeira. A respeito, diz Bateson (1996 p. 70) que:

É necessário ser bastante claro a respeito da verdade universal que não importa o que as "coisas" possam ser no seu mundo pleromático e de coisas, elas só podem penetrar no mundo da comunicação e significação através de seus nomes, suas qualidades e seus atributos (isto é, através de relatos de suas relações e interrelações internas e externas).

Além disso, pode ser destacado como a narradora-personagem realiza uma viagem ao seu interior acessando as memórias, os aspectos afetivos de sua cultura que ela incorpora à nova cultura e realiza relações que ajudam no seu aprendizado: “Até me recordo de uma placa que dizia Casa Tro-lo-ló – palavras que eu não entendia, mas que soaram engraçadas, tanto mais porque eu as pronunciava com a letra C como ‘tsé’, à maneira letoniana, de modo que ficava ‘tsaza’...” (BELINKY, 2008, p. 74).

A narradora-personagem evidencia o espanto ou choque de cultura em relação às novas experiências em relação ao clima. A relação aprendizado-tempo e

o choque cultural, causado pela mobilidade, que pode ser evitado pela apreensão de conhecimento antecipado sobre determinado tema (nesse caso, o recorte local da cultura brasileira expressa no estado de São Paulo e sua atmosfera climática instável) aparece como outro fator, do qual Augé (2003) enfatiza ser a educação o melhor meio de ensinar – e aprender - a mudar, bem como servir de atenuante para situações angustiantes que podem se apresentar em volume e intensidades variadas de um indivíduo para o outro. Assim, é descrito pela narradora-personagem:

[...] e representou para nós, crianças – especialmente os dois maiores --, uma mudança drástica, espécie de “choque cultural” entre nosso passado europeu e a realidade brasileira, tão diferente de tudo. A começar pelo clima, o calor, a garoa, e a “ausência” das estações do ano, tão marcantes no outro hemisfério. O verão permanente nos intrigava, as chuvas torrenciais e as trovoadas violentas nos assustavam. Espantava-nos a rapidez com que tudo secava após um aguaceiro daqueles – uma chuva forte em Riga significava vários dias de calçadas molhadas e poças de água suja. E o pôr-do-sol rápido, como se o sol se apagasse de repente, tão diferente dos longos e misteriosos crepúsculos do Norte europeu. E a vegetação luxuriante, verde-escuro permanente, nos jardins, nos parques, nas praças – naquele tempo ainda havia muito verde em São Paulo... E as noites densamente salpicadas de estrelas, tantas e tantas estrelas, num céu tão diferente do céu setentrional, nosso conhecido... (BELINKY, 2008, p.83-84).

A manifestação mais frequente da produção de diferença na narradora-personagem ocorre pela incorporação e pelo uso de palavras e expressões típicas da realidade da língua falada no Brasil. Além de outras particularidades da diversidade cultural do país relativo aos costumes, hábitos, festas que representam aquilo que significa ser brasileiro e que a narradora-personagem foi gradualmente, aprendendo, e desse modo, mudando, através da incorporação dessas novas informações e elementos à sua condição de migrante por meio de uma imersão. Para Ferreira (2018) e Bateson (2000), pelo contato inevitável com novas informações em uma nova cultura, o aprendizado - *learning* – conduzirá a um estado de mudança - *change* - da reconfiguração do modo ser. Essa constatação encontra consonância na afirmação de Ferreira, Albagli e Corsini (2018, p. 503) para os quais:

[...] a produção de diferença em Bateson é, indubitavelmente, um processo relacional, que não pode prescindir do outro. Esse processo relacional se dá no âmbito do que o autor designa como mundo da forma e da comunicação, um domínio que, em contraste com o mundo da substância, da matéria, não invoca coisas, forças ou impactos, apenas diferenças e ideias.

Essa relação se efetiva de modo alternado nos procedimentos, ou estratégias de aprendizado adotadas pela narradora-personagem no processamento cognitivo de informações e a devida incorporação de novos conhecimentos ao seu acervo cultural:

Aquelas multidões enchendo toda a avenida, aquele “corso” – o desfile interminável e lento de carros, para-choque com para-choque, capotas arriadas, apinhados de gente fantasiada e animadíssima. Todo aquele mundaréu de homens, mulheres, crianças, de todos os tipos, de todas as cores, de todos os trajes – todos dançando e cantando, pulando e saracoteando, jogando confetes e serpentinas que chegavam literalmente a entupir a rua e se enroscar nas rodas dos carros... E os lança-perfumes, que que é isso, minha gente! E os “cordões”, os “ranchos”, os “blocos de sujos” – e todo mundo se comunicando, como se fossem velhos conhecidos, se tocando, brincando, flertando – era assim que chamavam os namoricos fortuitos, a paquera da época --, tudo numa liberdade e descontração incríveis, especialmente para aqueles tempos tão recatados e comportados... Tanto que, ainda vários anos depois, uma marchinha carnavalesca falava, na sua letra alegremente escandalizada, da “moreninha querida...que anda sem meia em plena avenida...” As marchinhas, as modinhas, as músicas de carnaval, maliciosas, buliçosas e engraçadas, algumas até com ferinas críticas políticas... E os ritmos, e os instrumentos – violões, cuícas (coisa nunca vista!), tamborins, reco-recos... E finalmente, coroando tudo, as escolas de samba, e o desfile feérico dos enormes carros alegóricos das sociedades carnavalescas – coisa absolutamente inédita para nós – com seus nomes esquisitos, “Fenianos”, “Tenentes do Diabo” – cada qual mais imponente, mais fantástico, mais brilhante, mais deslumbrante, mais mirabolante – e, para mim, nada menos que acachapante! E pensar que a gente não compreendia nem metade do que estava acontecendo! Todo aquele alarido, todas aquelas luzes, toda aquela agitação, toda aquela alegria desenfreada – tudo isso nos deixou literalmente embriagados e tontos de impressões e sensações, tão novas e tão fortes que nunca mais esqueci aqueles dias delirantes. Vi muitos carnavais depois daquele, participei mesmo de vários, e curti-os muito. Mas nada, nunca mais, se comparou com aquele primeiro carnaval no Rio de Janeiro, um banho de Brasil, inesquecível (BELINKY, 2008, p. 102-103).

4.7 Resumo biográfico de Heinrich Harrer

Heinrich Harrer nasceu em 6 de julho de 1912 em Obergossen, cidade mercantil de Hüttenberg, Caríntia, Áustria, e faleceu no dia 7 de janeiro de 2006 em Friesach, Caríntia. O pai era carteiro e a mãe dona de casa. Tinha duas irmãs Lydia e Ruth, além de um irmão, Josef. Foi casado três vezes, com Lotte Wegener, sua primeira esposa, filha do explorador alemão Alfred Wegener, com quem teve um filho, Peter e mais uma vez com Etta Truxa e Carina Haarhaus.

Foi um excelente e renomado alpinista, explorador, geógrafo e escritor. Tornou-se conhecido como um dos primeiros alpinistas a escalar o Eiger North Face,

bem como através das experiências vividas no Tebet, e que foram posteriormente, descritas com minúcia em seu livro *Sete Anos No Tebet* e ainda pela repercussão da adaptação cinematográfica de 1997, realizada pelo diretor francês Jean-Jacques Annaud e tendo como protagonista o ator norte-americano Brad Pitt, vivendo Harrer.

Frequentou a escola secundária Bruck an der Mur, Styria. Lá ele se tornou um membro do clube de ginástica alemã e descobriu a paixão por várias modalidades de esporte como esqui alpino, montanhismo, natação, atletismo, tênis, handebol, e também o golfe. Já aos quinze anos de idade, ele empreendeu as primeiras tentativas de escalada nos Alpes Julianos. Aos dezesseis anos, ele começou a participar de competições de esqui. Em 1937 tornou-se campeão mundial de downhill acadêmico.

Completo o curso de formação de professores em Geografia e Esporte – equivalente ao curso de Educação Física - na Universidade Graz Karl-Franzens o que lhe garantiu recursos financeiros para promover o aprimoramento das técnicas de esqui e montanhismo com o objetivo de se tornar instrutor e fundar uma escola de esqui, o que consegue num curto período de tempo.

O montanhismo sempre fascinou Harrer. Ele conheceu o alpinista Fritz Kasperek enquanto subia nas Dolomitas o lhe deu a confiança necessária para participar da escalada da face norte do Erstdurchsteigung, o Eiger. Anteriormente, muitos alpinistas experientes haviam falhado lá. Porém, ele conseguiu obter êxito na companhia de Anderl Heckmair, Fritz Kasperek e Ludwig Vörg. Os quatro escaladores de sucesso foram então recebidos pelo próprio Adolf Hitler e receberam dele uma foto com dedicação pessoal.

A filiação ao Partido Nazista é considerada um período delicado e controverso da biografia do autor. Contudo, consta que Harrer apresentou-se e juntou-se em outubro de 1933 a SA nos subterrâneos eventos que antecederiam a II Guerra Mundial, assim quase cinco anos antes do "Anschluss da Áustria" para o partido Nacional-Socialista alemão do Reich. Embora, o próprio Harrer sempre tenha negado esse vínculo.

No ano de 1996, período que antecedeu o lançamento do filme *Sete Anos no Tibet* (1997), ele pode encontrar o jornalista, editor e cineasta da Austrian Broadcasting Service (ORF - Österreichischer Rundfunk), Gerald Lehner, que escreveu *Zwischen Hitler und Himalaya: Die Gedächtnislücken des Heinrich Harrer* – título original em alemão, ou *Between Hitler and Himalayas. The memory lapses of*

Heinrich Harrer, título em inglês (Entre Hitler e o Himalaia: Memórias de Heinrich Harrer, para usar uma tradução livre). Um livro polêmico, nunca lançado no Brasil, que trata de seu envolvimento com o Partido Nazista.

Entretanto, o vínculo é comprovado através do registro oficial em documentos da época, a partir de 01 de abril de 1938 a adesão SS número: 73.896 como consta nos registros documentais oficiais. Além disso, está documentado a filiação ao Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, o *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*, (NSDAP) mais conhecido como Partido Nazista, que foi um partido político de extrema-direita na Alemanha que esteve ativo entre 1920 e 1945 (a partir de 1 de maio de 1938, Membro: Heinrich Harrer; ID: 6307081, como aparece nos registros oficiais).

Antes da expedição ao monte Eiger, Harrer fez sua filiação como membro da *Schutzstaffel* (em português "Tropa de Proteção"), abreviada como SS, *44* ou "SS" (em Alfabeto rúnico) foi uma organização paramilitar ligada ao partido nazista e a Adolf Hitler. O lema de seus membros era "Meine Ehre heißt Treue" ("Minha honra chama-se lealdade") consolidada sobre a ideologia nazista, sob comando de Heinrich Himmler. No início, figurava como uma pequena unidade paramilitar, no entanto, posteriormente agregou quase um milhão de homens e conseguiu exercer grande influência política no Terceiro Reich.

Harrer atuava, principalmente como instrutor de esportes na SS Posto de um SS Oberscharführer (patente paramilitar do Partido Nazista utilizada a princípio como patente das Sturmabteilung (SA), sendo criada devido ao crescimento expressivo das fileiras das SA no final da década de 1920 e começo de 1930. A patente era superior ao Scharführer e inferior ao Truppführer.

Entre seus admiradores e apoiadores estava Heinrich Himmler, comandante militar da SS e um dos principais líderes do Partido Nazista da Alemanha na II Guerra. Posteriormente, foi nomeado por Adolf Hitler como Comandante do Exército de Reserva e General Plenipotenciário para toda a administração do Reich, transformando-o num dos homens mais poderosos da Alemanha nazistas e um dos principais responsáveis pelo Holocausto.

A relação de Harrer com o Nazismo e tudo que ele representava sempre foi um incômodo. Ele negou sua proximidade com Bruno Beger, que foi um antropólogo, etnólogo e explorador racial alemão que trabalhou para o Ahnenerbe. Nesse papel, ele participou da viagem, como explorador científico, (um pouco antes

de Harrer) liderada por Ernst Schäfer ao Tibet em 1938 que ajudou o Departamento de Raça e Acordo ou SS-Rasse- und Siedlungshauptamt da SS – que patrocinaram a expedição - a identificar judeus e, mais tarde, ajudou a selecionar seres humanos a serem mortos para criar uma coleção anatômica de esqueletos judeus. Porém, Beger, sempre afirmou que ambos se conheciam há muito tempo e eram *Duzfreunde* ou “amigos”. Outro, que era companheiro de montanhismo de Harrer, Andreas "Anderl" Heckmair, afirmou que Harrer carregava uma flâmula vermelha com suástica durante a subida ao Eiger em sua mochila, todavia, devido ao mau tempo a bandeira não pôde ser fixada.

O episódio de sua associação com o partido nazista foi considerado, mais tarde, por Harrer como um “acesso de estupidez”, de "erro estúpido" e "erro ideológico" devido a um tipo de encantamento mítico com raízes profundas na concepção particular de nação integrada por herança das tradições culturais ancestrais de seu povo, o que depois de sua passagem pelo Tibet, demonstrou ser somente resultado da propaganda ideológica desenvolvida nos laboratório de comunicação social do partido.

No final de agosto, embarcados num navio de carga em Karachi, atrasado para a viagem de volta para a Europa, Harrer e outros alemães e italianos foram detidos em função do início da Segunda Guerra Mundial.

Os prisioneiros eram deslocados constantemente para acampamentos temporários, contudo, depois do terceiro dia de guerra, com a entrada da Inglaterra no conflito, foram conduzidos para um centro de detenção sediado em Ahmadnagar, perto de Bombaim, para depois serem confinados no campo de prisioneiros em Dehra Dun, próximo ao Himalaia.

Inúmeras tentativas de fuga se sucederam até a bem-sucedida ocasião que Harrer se juntou um grupo de sete pessoas, incluindo, seu amigo, Peter Aufschnaiter. Em aproximadamente seis semanas eles passaram por Calcutá, perto da posição das tropas japonesas na Birmânia na direção Leste através de uma via neutra no Tibet. Imediatamente após a fuga, o grupo se separou e somente foram se encontrar algum tempo depois, em marcha para o Tibet.

Enquanto isso, Harrer e Aufschnaiter planejaram chegar a Lhasa e, portanto, empreenderam nova rota de fuga. Durante toda a jornada, os dois superaram pelo menos 50 inspeções e percorreram cerca de 2.100 quilômetros a pé. Em janeiro de 1946, chegaram à então "cidade proibida" de Lhasa.

Chegando lá Peter Aufschnaiter se tornou assessor do governo tibetano para questões agrícolas e urbanas Heinrich Harrer o primeiro tradutor e fotógrafo do governo tibetano, e acumulou ainda as funções de professor de Inglês, Geografia e Matemática (e ainda amigo) do jovem 14º Dalai Lama, para quem ele também construiu uma sala particular de projeções de filmes.

Um relacionamento fraternal repleto de afeto conectou ambos até a morte de Harrer. Por causa do conflito Tibete-China de 1950/51, Harrer foi obrigado a fugir para a Índia em 1951, inicialmente acompanhando o Dalai Lama até a fronteira. De lá, porém, Harrer retornou à Europa no ano seguinte para se estabelecer em Kitzbühel. Mais tarde, ele também viveu temporariamente na aldeia de Mönichau, perto de Kitzbühel e no Liechtenstein. As histórias de viagem de Harrer foram apresentadas na série televisiva *Heinrich Harrer*, que foi ao ar na ARD entre 1965 e 1983.

Como escritor, ele escreveu mais de 20 livros, todavia seu trabalho mais conhecido é *Sete Anos no Tibete*, na qual Harrer descreve seu tempo com Peter Aufschnaiter no Tibet e sua proximidade com o 14º Dalai Lama. Ele começou a escrever sobre essas experiências ainda na Índia. O livro se tornou um sucesso mundial que o tornou famoso. Essa notoriedade lhe foi muito útil para chamar a atenção para a causa do Tibet e demonstrar o grau de transformação que lhe sucedeu o contato com a cultura tibetana. No ano de 1997, Jean-Jacques Annaud adaptou e filmou o livro sob o mesmo título com o ator norte-americano, Brad Pitt no papel de Heinrich Harrer que morreu em 7 de janeiro de 2006, aos 93 anos de idade, no hospital de Friesach, na Caríntia. Desde 1983, o Museu Heinrich Harrer está estabelecido em Hüttenberg, para aqueles que desejam saber mais sobre a vida e o ativismo da personagem.

4.8 Sobre o livro

O livro apresenta, nas primeiras páginas, um mapa com o itinerário empreendido pelo narrador-personagem, seguido de um preâmbulo elogioso assinado pelo Dalai Lama, dirigido ao Professor Heinrich Harrer (como ficou conhecido no Tibet), depois segue-se uma introdução de autoria de Peter Fleming (irmão mais velho do escritor Ian Fleming criador de James Bond), um prefácio (do

próprio autor) e no final, antecedendo o epílogo, há uma carta enviada pelo Dalai Lama marcando a abertura de uma exposição sobre o Tibet, organizada por Harrer em Veneza.

A capa do livro, no entanto, é uma representação visual que está mais relacionada com o filme homônimo de Jean-Jacques Annaud (1997) - com Brad Pitt interpretando o papel de Harrer - do que com a narrativa literária. Obviamente, uma estratégia comercial para associar o livro ao filme com o objetivo de aumentar as vendas de ambos, o que todavia, não compromete a leitura.

A versão em português analisada durante a pesquisa se trata de uma reimpressão de 2017, que integra a coleção L&PM Pocket, (vol. 184) originalmente publicada pela editora L&PM em 1999. Está dividida em 17 partes cada uma subdividida em várias pequenas partes que agilizam a leitura e podem conduzir o leitor para um momento específico da narrativa. Por exemplo, na parte 1, Campo de Prisioneiros, encontra-se subdividida em 11 partes que são episódios particulares que ocorreram durante o confinamento no campo de prisioneiros. No entanto, como se trata de uma versão formato de bolso, mais compacta, que a convencional, publicada, anteriormente em 1963 (edição em português, publicado pela editora Melhoramentos e também, consultada durante o levantamento bibliográfico para esse trabalho) significa que foi realizada uma radical redução do tamanho deixando de fora o material adicional que incluía mapas com o traçado do itinerário de viagem (mantido na versão de bolso), o conjunto dos registros fotográficos de pessoas, paisagens, objetos de arte de expressão religiosa, além da arquitetura, feitos por Heinrich Harrer.

Essa opção de forma textual escolhida pelos editores se refere ao tipo de informação bruta oriunda das anotações realizadas pelo autor e, conseqüentemente, narrador-personagem. Além disso, foram feitos desenhos, registros fotográficos de pessoas, lugares, paisagens, animais e alguns trajetos, cujo suporte foi fundamental no momento de tecer o texto para o livro na versão narrativa definitiva que veio a ser publicada e traduzida em 53 idiomas, sendo registrada uma circulação mundial estimada, até hoje de cerca de 4 milhões de exemplares, sem considerar, as publicações em formato digital.

O livro Sete anos no Tibet, de Heinrich Harrer, é considerado um verdadeiro documento sobre a vida no Tibet durante o período que antecedeu a última invasão chinesa de 1950. O texto revela também detalhes da formação do 14^o Dalai Lama,

líder espiritual e representante político do povo tibetano. Além disso, o conteúdo traduz aspectos da vida cotidiana no Tibet, nas pequenas vilas e nas montanhas do Himalaia. O livro foi traduzido para várias de línguas, porém, a personagem, Heinrich Harrer, vale lembrar novamente, ficou mais conhecido sob a imagem mítica criada na adaptação da história para o cinema, sendo interpretado pelo ator norte-americano, Brad Pitt, o que só serviu para ampliar o interesse pelo livro, seu autor, o Dalai Lama e todo o significado que o Tibet constitui.

O contexto histórico encontrado pelo narrador-personagem durante seu deslocamento está relacionado ao ano de 1959, portanto, há 60 anos. Quando, tencionando a separação do Tibet do controle político da China, o 14º Dalai Lama, que é o nome religioso de Tenzin Gyatso - forma abreviada de Jetsun Jamphel Ngawang Lobsang Yeshe Tenzin Gyatso, nascido Lhamo Döndrub, sendo a grafia em tibetano, ལ་མོ་དོན་འགྲུབ་, Lha-mo Don-'grub, no dialeto de Lassa, AFI: [lámó thø`dɥp] - líder espiritual do budismo tibetano (líder ao mesmo tempo religioso e político, desde que tinha 14 anos) começou uma rebelião armada.

Todavia, a falta de êxito obrigou o Dalai Lama a orientar os milhares de fiéis a retirarem-se – embora, na verdade, tenham sido expulsos – (o que configura uma combinação de modalidades de deslocamento: expulsão, refúgio e exílio) para o norte da Índia, onde se instalaram na cidade de Dharamsala e estabeleceram um governo de exílio.

Precisamente, nove anos antes, em 1950, os chineses tinham invadido o território do Tibet porque os representantes da descolonização britânica haviam rompido o equilíbrio de influências (os ingleses apoiavam o Dalai Lama, que detinha uma orientação educacional mais próxima das correntes políticas ocidentais, com tendências mais liberais, flexíveis e democráticas. Por outro lado, os chineses, identificavam como legítimo Panchen Lama, que havia sido educado na China, e conseqüentemente, conservava inclinações mais aos moldes socialistas). O tempo entre a invasão e a fuga do 14º Dalai Lama foi marcado por um processo sistemático de aculturação forçada pelos chineses que incluía uma radical erradicação do budismo, essência identitária dos tibetanos.

Os conflitos aconteceram por uma questão histórica. A China reivindicava anexação do Tibet ao seu território, pois considerava que este lhe pertencia desde meados do século XIII, e assim deveria permanecer, submetido ao comando da

capital Pequim. Todavia, o povo tibetano afirma que a região do Himalaia esteve independente durante vários séculos bem como a cobiça chinesa.

Em 1963 o Tibet ganhou status de Região Autônoma. Em 1989, a causa da independência do Tibet ganhou força no Ocidente após a repercussão negativa do massacre de manifestantes conduzido pelo Exército chinês na praça da Paz Celestial e a entrega do Nobel da Paz ao Dalai Lama, consagrando sua liderança.

Desde o final dos anos 1990, a China tenta legitimar sua presença no Tibet por meio do crescimento econômico - a partir de 1999, a economia local cresceu 12% ao ano. O governo chinês também tenta dominar o país através da presença de chineses da etnia majoritária han e do controle da sucessão religiosa.

A China diz que os tibetanos no exílio, liderados pelo Dalai Lama, só estão interessados em separar o Tibet da terra-mãe. O Dalai Lama diz querer nada mais do que a autonomia da região. O registro real deste conflito está registrado em Sete anos no Tibet, o livro escrito pelo alpinista austríaco Heinrich Harrer relata sua experiência na região que iniciou em 1943, quando, após decidirem escalar um dos picos mais altos do Himalaia, Harrer e seu companheiro Peter Aufschnaiter, engajados no exército alemão, foram presos pelos ingleses.

A fuga do campo de prisioneiros na Índia, incluiu a travessia das montanhas do Himalaia, enfrentando a rejeição das autoridades tibetanas, as baixas temperaturas, falta de suprimentos e vários perigos. No fim de dois anos atravessando a região montanhosa, chegaram às portas de Lhasa, conhecida como Cidade Proibida. O narrador-personagem e seu parceiro de viagem, Peter, estavam famintos, sujos, enfiados em trapos de tecido pesado para suportar o frio das baixas temperaturas, condições que quase os mataram.

A benevolência dos membros que integravam a comunidade de Lhasa permitiu sua acolhida em território tibetano. Os conhecimentos de ciências demonstrados por Heinrich Harrer o fizeram conquistar a confiança dos monges e nobres tibetanos, sendo contratado para ser o preceptor e professor do Dalai Lama – a encarnação de Buda na Terra.

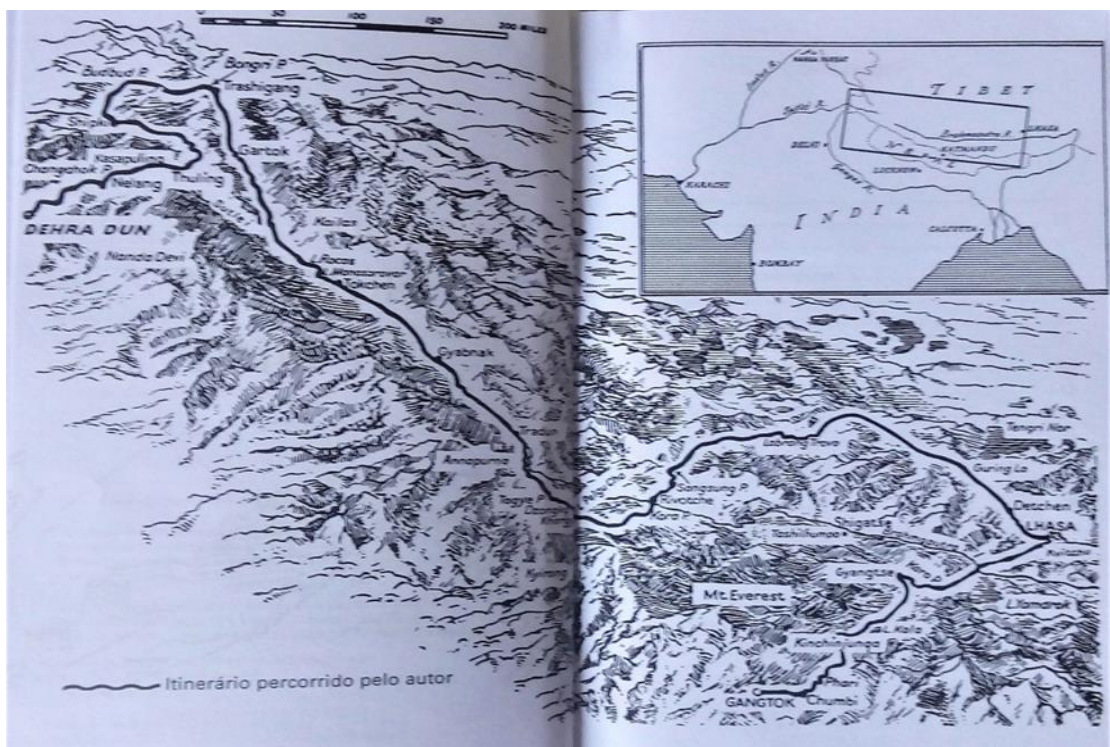
O período de convivência contínua entre Harrer e o líder espiritual, pode ser considerado como um encontro entre dois blocos culturais distintos naquele contexto. De um lado Harrer, um representante da sociedade ocidental, e do outro, o jovem Dalai Lama, um verdadeiro símbolo representativo da cultura do oriente. Esse contato produziu um circuito de afetos (SAFATLE, 2015) e viabilizou as trocas de

informações (FERREIRA, 2018) que contribui para o aprendizado, que promove a superação da heterogeneidade cultural e devida aceitação da diversidade e no desenvolvimento de uma amizade profunda entre ambos e podendo considerar, mais além, como um agente motivador de mudanças no âmbito existencial do narrador-personagem, e até no meio social que integra, bem como afirma Godoy (2017, p. 95):

Pensar a sociedade como circuito de afetos ilumina como a produção contínua de afetos nos vincula a determinadas formas de vida, a determinados campos do possível. Talvez mais que a lei, sejam os afetos os sustentáculos dos vínculos sociais. Isso significa perceber como as afecções permitem construir a adesão social. A transformação social está sempre acompanhada da produção de formas singulares de vida quando os afetos circulam de outro modo, agenciando-se para produzir novos efeitos e objetos.

A atmosfera calma de contemplação, reflexão e ampliação da consciência propiciada pelos procedimentos religiosos, aliados aos costumes e o modo de pensar do lugar despertam o narrador-personagem para um mundo diferente daquele que conhecia, o tornando, um outro. A Fotografia 2 apresenta o trajeto empreendido pelo narrador-personagem.

Fotografia 2 – O itinerário de Heinrich Harrer.



Fonte: Harrer (2007).

4.9 A produção de diferença em sete anos no Tibet

Integração cultural é uma adequação ou ainda adaptação ao ambiente dos costumes locais que ocorre por meio da observação de situações do cotidiano e por aprendizado derivado das informações obtidas. Segundo Ferreira (2018) ela é absorvida pelo processo de educação, que se deu tanto no nível formal quanto no informal construído pelas relações sociais cotidianas. Para o narrador-personagem a longa jornada religiosa empreendida pelos peregrinos na Índia não se comparava aos desafios de realizar uma fuga por caminhos novos, nunca antes trilhados, a escalada por montanhas geladas, utilizando poucos equipamentos e longas corridas por estradas e planícies, adicionando a isso o medo, a fome, o frio e a saudade da pátria. Por essa razão ele afirma estar contente em poder integrar a multidão: “Pelo menos tínhamos o que comer e o Caminho dos Peregrinos nos parecia um mero passeio depois da longa marcha por terrenos acidentados” (HARRER, 2017, p. 32).

Um julgamento repleto de subjetividade e marcado pela visão eurocêntrica e etnocêntrica do narrador-personagem está presente na obra de Harrer. Segundo Guattari (GUATTARI, 1996, p. 34):

O indivíduo, [...], está na encruzilhada de múltiplos componentes de subjetividade. Entre esses componentes alguns são inconscientes. Outros são mais do domínio do corpo, território no qual nos sentimos bem. Outros são mais do domínio daquilo que os sociólogos americanos chamam de "grupos primários" (o clã, o bando, a turma, etc.).

Uma clara referência ao meio social que integra e que permeia boa parte do período inicial do texto que se refere à fuga do campo de refugiados. O narrador-personagem julga estranha a indumentária das pessoas que ele encontra durante a trajetória de sua mobilidade em território estrangeiro: “Apesar de estarem estranhamente vestidos, nós os invejávamos” (HARRER, 2017, p. 33).

O conhecimento da configuração geográfica da região auxiliou o narrador-personagem a se orientar durante a viagem. Desse modo, novamente utilizando os argumentos de Ferreira (2018) que estabelecem que apreensão de informações (obtidas, tanto de modo formal quanto informal) sobre uma cultura nova tem impacto positivo na visão de mundo e ampliam o horizonte de conhecimento por meio da educação o que contribui para diminuir as dificuldades eventuais que se apresentam

durante uma ocasião semelhante, o que também se reverte em vantagem em relação a quem não consegue realizar tal feito. O narrador-personagem demonstra habilidade na realização da leitura geográfica da região: “Graças à leitura de vários livros de viagem, eu sabia que agora teríamos de atravessar a “Fronteira Interna” (HARRER, 2017, p. 34).

As mudanças ocorrem, paulatinamente, seguindo o devido tempo dos eventos de convívio com o outro. A aquisição de uma nova visão de mundo se origina de elementos informacionais obtidos por meio da observação dos hábitos e costumes locais manifestados em procedimentos comuns do cotidiano e depende do grau de interação com o outro nessa perspectiva. Como afirma Ferreira (2018), as trocas de experiências, o compartilhamento de ideias, crenças, etc. são fundamentais nesse processo e não ocorrem repentinamente. Porém, não é possível determinar exatamente um tempo para que isso aconteça na experiência de Harrer:

Uma noite chegamos a um desses acampamentos bhutias que são habitados somente no verão. Pareciam muito acolhedores, com seus telhados cobertos de telhas de madeira e pedra. Porém, além da vila, uma desagradável surpresa nos aguardava. Uma corredeira tinha transbordado e transformado o terreno ao lado em banhado. Era absolutamente impossível atravessar. Pelo menos, desistimos de tentar encontrar uma forma de fazê-lo e resolvemos esperar o clarear do dia e verificar o terreno em busca de um abrigo, pois não acreditávamos que o Caminho dos Peregrinos se interrompesse bem nesse ponto. Para nossa maior surpresa, na manhã seguinte, observamos que a procissão de peregrinos continuava, e atravessava o rio exatamente no local onde havíamos passado horas da noite anterior em busca de uma passagem. Infelizmente, não conseguíamos ver como eles faziam, pois as árvores atrapalhavam a visão de onde estávamos. Mas outra coisa igualmente inexplicável aconteceu. Verificamos que, mais tarde naquela manhã, o fluxo de peregrinos havia parado. Na manhã seguinte, tentamos atravessar novamente pelo mesmo trecho e mais uma vez não conseguimos. Finalmente, me dei conta de que devíamos ter diante de nós um rio alimentado por neve e gelo derretidos e que tinha sua maior vazão do meio-dia até tarde da noite. De manhã cedo o nível da água deveria ser bem menor.

E, de fato, era como eu tinha deduzido (Observação: a partir das observações do modo de agir do outro, que o conduziram ao aprendizado.). Às primeiras luzes da manhã, já estávamos de pé à beira do rio e podíamos ver uma velha ponte de troncos meio submersa. Nos equilibramos cuidadosamente, conseguimos chegar ao outro lado (HARRER, 2017, p. 35).

No trecho aparecem termos (origem, nativos e nacionalidade) que sugerem evidências de aspectos relacionados à identidade das personagens que segundo Hall (2011, p. 58): “[...] uma cultura nacional atua como uma fonte de significados culturais, um foco de identificação e um sistema de representação.” Portanto, servindo de base para reconhecimento de características singulares dos indivíduos,

como origem, nacionalidade e língua. Outra questão está relacionada à educação formal e informal, referente ao aprendizado de novos idiomas e a utilização (língua culta) em âmbito escolar ou acadêmico e o seu uso dentro do campo da interação social mais amplo (língua voltada à dinâmica comunicacional). O narrador-personagem observa que:

Enquanto discutíamos, um indiano parou diante de nós e, depois de ver vários objetos de óbvia origem europeia espalhados pelo chão, começou a nos fazer perguntas. Só então Marchese se deu conta do perigo que corríamos. Rapidamente juntou suas coisas, mas, mal havíamos dado alguns passos quando fomos parados por outro indiano, um homem de aparência distinta liderando um grupo de dez robustos soldados. Em inglês perfeito, pediu nossos passes. Nós acenamos como se não entendêssemos e dissemos que éramos peregrinos da Caxemira. Ele pensou por alguns instantes e encontrou uma solução que significava o fim de nossas esperanças de fuga. Havia, ele disse, dois nativos da Caxemira em uma casa das redondezas. Se pudéssemos nos entender com eles, poderíamos seguir nosso caminho. Que azar que dois nativos da Caxemira estivessem aqui, justo nesse momento! Eu só tinha usado esse álibi porque a coisa mais improvável seria encontrar nativos da Caxemira nesta região.

[...]. Como havíamos combinado fazer numa situação dessas, comecei a falar com Marchese em francês. Imediatamente o indiano nos interrompeu, também em francês, e mandou-nos abrir as mochilas. Quando viu minha gramática inglês-tibetano, ordenou que disséssemos quem realmente éramos. Admitimos então que éramos prisioneiros foragidos, mas não revelamos nossa nacionalidade.

[...]. O homem que nos havia interrogado era o chefe do Departamento Florestal do estado de Tehri-Garwhal. Estudara engenharia florestal em instituições inglesas, francesas e alemãs, e conhecia bem as três línguas.

[...], quando penso na sequência de circunstâncias que levaram à nossa captura, concluo que fomos vítimas de algo pior do que uma simples falta de sorte e que não poderíamos ter evitado aquele destino (HARRER, 2017, p.36-37).

O narrador-personagem utiliza todo o seu conhecimento em Geografia, geopolítica e certa facilidade em se comunicar com os nativos para tornar sua fuga do campo de prisioneiros mais fácil. Contudo, ele também constrói laços de afeto com o lugar, com as pessoas e sua cultura, o foi possibilitado pelo fluxo da mobilidade o ocorre de modo frequente formando um círculo virtuoso, uma corrente positiva, que acompanha a perspectiva circuito de afetos de Safatle (2015, p. 8) na qual entende que:

[...] é possível que uma perspectiva crítica precise atualmente partir de uma compreensão distinta do que é uma sociedade. Talvez precisemos partir da constatação de que sociedades são, em seu nível mais fundamental, circuitos de afetos. Enquanto sistema de reprodução material de formas de força de adesão ao produzir continuamente afetos que nos fazem assumir certas possibilidades de vida a despeito de outras.

O que já demonstra uma tendência à mudança de convicção por meio do contato com outras formas de pensar (FERREIRA, 2018). É necessário definir que a modalidade de deslocamento que caracteriza o narrador-personagem é de um *refugiado*, tecnicamente, segundo Organização Internacional para as Migrações - OIM - (2009 p. 63) , o narrador-personagem pode ser caracterizado como refugiado em trânsito, o que significa: “Refugiado que é admitido temporariamente no território de um Estado sob a condição de vir a ser reinstalado noutra local”. Ele foi capturado durante um conflito mundial (II Guerra Mundial) pelo exército de uma coalisão, levado para um campo de prisioneiros, ele decide renunciar ao compromisso de servir a ideologia defendida por seu governo e seguir para realizar o seu sonho de escalar o Himalaia e de ser livre. O narrador-personagem assim se manifesta:

Passei o dia na floresta vizinha; ao anoitecer, fui buscar os meus objetos. O meu amigo hindu banqueteu-me mais regamente e acompanhou-me em parte do caminho. Quis à força carregar os meus embrulhos; mas o coitado estava visivelmente subnutrido e não conseguia emparelhar-se com o meu passo desportivo. Roguei-lhe, pois, que voltasse à aldeia. Despedimo-nos cordialmente e, de novo, me vi sozinho (HARRER, 2017, p. 45-46).

Acima se tem uma súpil marca de produção de diferença. Um homem europeu, de um país industrializado, urbanizado, culto e representante da classe burguesa austríaca, de certo deveria ter em mente símbolos de liberdade de valor mais elevado. Entretanto, a atmosfera do lugar parece exercer nele influência de modo quase inconsciente e assim, ele eleger aquele animal selvagem e simples como o seu símbolo da liberdade. Ele reflete:

Durante essa marcha, encontramos pela primeira vez um "kyang", o onagro, o burro selvagem da Ásia central, que encanta os viajantes, com a elegância dos seus movimentos. Tem o porte do burro comum; aproxima-se com curiosidade e afasta-se a trote, com uma viravolta rápida e airosa. Alimenta-se das ervas das estepes, e os homens o deixam em paz. Os lobos são os seus únicos inimigos. Desde que o vi, esse belo animal indômito é para mim o símbolo da liberdade (HARRER, 2017, p. 54).

No percurso da viagem as informações que o narrador-personagem possui estão sempre dando um retorno positivo para que ele consiga efetuar as suas metas. Obviamente, que essas informações, também são obtidas no campo da interação cotidiana com os nativos daquela região e não somente através de seu conhecimento acadêmico formal. O narrador-personagem começa a ser alterado

mais profundamente, em sua trajetória. Ele parece manter uma postura de abertura, com uma disposição favorável aos acontecimentos, sentimento de identificação, harmonia e ampla capacidade para aceitar a potência da causalidade, o que lhe permite aprender com meio ambiente que o cerca:

Nessa ocasião, lidei pela primeira vez com o iaque, o típico animal de carga do Tibete. O iaque, espécie de bovino de pêlo comprido, só pode viver nas grandes altitudes e a sua domesticação exige muita habilidade. As fêmeas são menores do que os machos e dão um leite excelente (HARRER, 2017, p. 55).

A presença do narrador-personagem causa curiosidade (que pode ser considerada, nesse contexto, um estímulo) na população local. Nesse sentido a novidade é notada, tanto pelo narrador-personagem quanto pelas pessoas que vivem ali, sensorialmente, como afirma Ferreira (2007), e desse modo, se produz a diferença espontaneamente. Ele observa: “Atrás de nós, premiam-se crianças e criados, ansiosos por verem de perto os estrangeiros” (HARRER, 2017, p. 63).

As notas que o narrador-personagem tomou durante sua passagem pelo Tibet foram combinadas aos registros fotográficos e desenhos são registros do processo diferenciação vivido por ele. É relevante notar que os eventos que ali se sucediam, as informações sobre os lugares, pessoas, animais, estórias, crenças religiosas, os afetos surgidos e consolidados, foram convertidos em fontes de informação e alcançaram o mundo todo. Os ciclos da mobilidade, que a cada troca realizada, ampliam o valor da condição da humana, a transformam, de maneira positiva e lhe concedem um novo significado. Portanto, parece que as informações são produzidas objetivando o compartilhamento em rede (não somente a internet). Como sugere Castells (2005, p. 19):

A questão é reconhecer os contornos do nosso novo terreno histórico, ou seja, o mundo em que vivemos. Só então será possível identificar os meios através dos quais, sociedades específicas em contextos específicos, podem atingir os seus objectivos e realizar os seus valores, fazendo uso das novas oportunidades geradas pela mais extraordinária revolução tecnológica da humanidade, que é capaz de transformar as nossas capacidades de comunicação, que permite a alteração dos nossos códigos de vida, que nos fornece as ferramentas para realmente controlarmos as nossas próprias condições, com todo o seu potencial destrutivo e todas as implicações da sua capacidade criativa.

Além disso, as particularidades culturais são interdependentes dos vínculos construídos entre as pessoas através do senso de afeição que consolida a alteridade. Para Safatle (2015, p.8):

Devemos ter sempre em mente que formas de vida determinadas se fundamentam em afetos específicos, ou seja, elas precisam de tais afetos para continuar a se repetir, a impor seus modos de ordenamento, definindo, com isso, o campo dos possíveis. Há uma adesão social construída através das afecções. Nesse sentido, quando sociedades se transformam, abrindo-se à produção de formas singulares de vida, os afetos começam a circular de outra forma, a agenciar-se de maneira a produzir outros objetos e efeitos. Uma sociedade que desaba são também sentimentos que desaparecem e afetos inauditos que nascem. Por isso, quando uma sociedade desaba, leva consigo os sujeitos que ela mesma criou para reproduzir sentimentos e sofrimentos.

O narrador-personagem percebe que as coisas estão todas interconectadas ali. A religiosidade se liga à natureza, ao homem e as coisas. Portanto, se a integridade de um sofre, o outro entra em sofrimento também:

Essa região não tem apenas importância religiosa, para os peregrinos asiáticos; também é sumamente interessante do ponto de vista geográfico, porque abrange as bacias do Indo, do Satledsh, do Carnali e do Bramaputra. Para os tibetanos, os nomes destes rios ligam-se a quatro animais sagrados: o leão, o elefante, o pavão e o cavalo, porque esse povo costuma dar a toda denominação um sentido simbólico religioso (HARRER, 2017, p. 69).

O narrador-personagem já se expressa por meio de suas marcas de diferença. A língua e expressões, os gestos, pela manifestação de fé e gratidão. Não resta dúvida, que o longo período de tempo dedicado ao seu deslocamento contribuiu para o aperfeiçoamento linguístico, aclimatação ao rigor climático da região, a variação do relevo do território e superação de diferenças de costumes. Entretanto, isso não significa que alguém que se desloque no espaço e no tempo somente consiga experimentar tais fenômenos em longo prazo. Isso pode ser constatado no trecho:

Foi no dia 15 de janeiro de 1946 que partimos para a última etapa. Passamos da região de Tölung ao largo vale de Kyitschu. Contornamos uma curva... e, ao longe, lampejaram os telhados de ouro do Potala! A sede invernal do Dalai Lama, o símbolo famoso de Lhasa! Esse instante compensou muitas coisas que passamos. Sentimos vontade de nos ajoelhar como os peregrinos e tocar o chão com a testa. A partir de Kyirong, percorrêramos quase mil quilômetros, com a imagem da cidade lendária diante dos olhos. Marcháramos setenta dias, entremeados apenas de cinco dias de descanso, o que dava a média diária de quinze quilômetros. Só a travessia do Chang-tang exigira quarenta e

cinco dias, com a sua azáfama dolorosa, a luta com a fome, o frio e os perigos. Que importava tudo isso, à vista daqueles pináculos de ouro! A angústia, a fadiga, tudo estava esquecido. Mais dez quilômetros, e alcançaríamos a meta grandiosa. Sentamo-nos ao lado dum dos montes de pedras que os peregrinos levantaram no ponto donde se avista pela primeira vez a cidade santa. O nosso arriero rezou as suas orações, porque Lhasa é para os tibetanos o que é Roma para os fiéis católicos. Pouco depois, chegamos a Schingdonka, a última aldeia antes de Lhasa. O nosso vaqueiro negou-se a ir mais longe. Quanto a nós, nada mais nos poderia demover. Procuramos afoitamente o "bönpö" e apresentamo-nos como a vanguarda duma personalidade ilustre e poderosa; precisávamos estar quanto antes em Lhasa, para lhe preparar os aposentos. O "bönpö" caiu prontamente na esparrela e deu-nos logo um burro e um almocreve. Ainda anos depois, quando se divulgou, esta anedota suscitava hilaridade nas reuniões elegantes, até entre os ministros. Os tibetanos orgulham-se sumamente do sistema com que mantêm ao largo os estrangeiros. O modo como furáramos o bloqueio era único; e, além de nos granjear apreço, agradou pelo seu cunho humorístico. Isto sagrava-nos vencedores, porque a gente de Lhasa gosta de rir. Percorremos os últimos dez quilômetros com um rio de peregrinos e de caravanas. Nos pontos principais do percurso, havia tendas onde se vendiam iguarias de fazer vir água à boca: doces, pãezinhos brancos com manteiga..., mas nós não tínhamos dinheiro; a última rúpia e meia pertencia ao almocreve. E já íamos reconhecendo na cidade verdadeira, a cidade que tantas vezes admiráramos nos livros, sem sonhar sequer que lá estaríamos um dia. Aquele monte devia ser o Tchagpori, o monte onde se ergue uma das duas famosas escolas de medicina. E isso, diante de nós, era sem dúvida Drebung, o maior convento do mundo, onde vivem cerca de dez mil monges — uma verdadeira cidade, com muitas casas de pedra e centenas de pináculos dourados, encimando os locais do culto. Estávamos ainda a dois quilômetros do claustro e, pelo espaço duma hora, o tivemos no nosso campo visual. Mais abaixo, viam-se os terraços do mosteiro de Netchung que abriga, há séculos, o maior mistério do Tibete. Tem ali a sua sede a manifestação dum deus protetor budista e o seu oráculo secreto, que dirige o destino do Estado e ao qual, antes de todo grande acontecimento, o governo vem pedir conselho (HARRER, 2017, p. 138-139).

Essa passagem da narrativa está repleta de significado referente contribuição dos estímulos materializados pela noção de novas informações que exerce a função potencializar as mudanças configurando a produção de diferença conceitualizada por Bateson (2000). No início do texto que compõe o livro, o leitor, ciente que o narrador-personagem era um soldado nazista, jamais poderia supor que passaria por uma profunda transformação, chegando ao ponto de admitir não ser capaz de deliberadamente, matar um inseto. Como confirma o trecho:

Em todos aqueles anos, nunca me sucedeu encontrar sequer uma pessoa que externasse a mínima dúvida sobre a doutrina de Buda. Sim; havia muitas seitas; mas as diferenças eram só aparentes; não se esconde o fervor íntimo que todas elas irradiam. Depois de breve permanência no Tibete, eu já não matava distraidamente uma mosca; e, estando com um tibetano, não me atreveria a esmagar um inseto, só porque este me importunava. A este respeito, havia coisas comoventes; num piquenique, a formiga, que subisse num dos participantes, era tirada e largada com todo o cuidado. Quando sucedia cair uma mosca numa taça de chá, era uma tragédia: antes de sorver

a infusão, salvava-se a mosca, porque ela bem poderia ser a reencarnação da falecida vovó. Sempre e em toda parte, era preocupação constante essa salvação de vidas e almas. No inverno, quebrava-se o gelo dos charcos, para livrar peixes e vermes, antes de gelarem. No verão, eram recolhidos, quando o charco ameaçava secar. As crianças, os mendigos, os criados das casas nobres, passavam por vezes horas inteiras na água, pescando na água turva tudo o que lá ainda vivesse e que, guardado em baldes ou latas de conserva, era posto em liberdade no rio, com o que já se fizera alguma coisa pela salvação da sua alma. Ou ia-se de casa em casa, vendendo os "salvados" às famílias abastadas, a fim de que estas participassem da obra de caridade. Seria mais feliz, quem salvasse o maior número de vidas. Essa comunidade com todas as criaturas é um traço deveras comovente da alma do povo tibetano. Nunca hei de esquecer um caso desse gênero, ocorrido com o meu amigo monge-funcionário Wangdüla. Fomos os dois ao único restaurante chinês de Lhasa. No pátio, alguém tentava pegar um ganso destinado visivelmente à panela. Wangdüla puxou prontamente uma cédula, comprou o ganso do chinês e mandou-o levar por um seu criado à sua casa onde eu ainda vi por vários anos, a ave ciscar, desfrutando uma velhice sossegada. Foi típico dessa atitude para com todos os seres vivos o decreto promulgado durante os três anos de meditação do jovem Dalai Lama e que regulamentava a atividade, no sector das construções, em todo o Tibete. Enviaram-se correios em todas as direções; o decreto tinha de chegar aos mais longínquos rincões do país. Com efeito, ao revolver o terreno, por mais cuidado que se tivesse, matar-se-iam inevitavelmente vermes e insetos (HARRER, 2017, p. 198).

Duas passagens do texto apresentam uma oscilação nas convicções do narrador-personagem. Ele afirma não caber comparações entre sua terra, pátria, nação e ao mesmo tempo reconhece a necessidade de adaptar-se ao país que o acolheu, sendo gentil e favorável a sua causa. Ele afirma: “[...] não havia comparação possível entre essa gente e a sua terra, e a nossa pátria e a nossa gente. Só restava adaptar-se e dar-se por satisfeito com os hábitos e costumes locais” (HARRER, 2017, p. 219). E em outro trecho ele conclui:

Nenhum laço especial nos prendia afinal à pátria. Os anos passados nesse derradeiro cantinho pacífico do globo nos haviam plasmado. Nós agíamos e pensávamos como os tibetanos aprendem a agir e pensar. E o idioma já não era para nós puro meio de nos fazermos compreender; podíamos sustentar, em tibetano, qualquer conversação, com todas as fórmulas de cortesia (HARRER, 2017, p. 223).

Considerando que alguns termos como, terra, pátria e nação destacados pelo narrador-personagem envolvem muita complexidade, o que parece não ser cogitado por ele naquele momento, ainda que se deva a dificuldade de estabelecer uma definição que possa ser adotada de modo seguro. Nesse sentido, é valioso o argumento de Anderson (2000, p. 28) para o qual:

Nação, nacionalidade, nacionalismo – todos provaram ser de difícil definição, que dirá de análise. Em contraste com a enorme influência do nacionalismo sobre o mundo moderno, é notável a escassez de teorias plausíveis sobre ele.

Além disso, deve-se refletir sobre outro aspecto presente no enunciado do narrador-personagem que é a representação da subjetividade. Esse dado está em conformidade com a proposição de Corsini (2006) que pensa a subjetividade como um espaço inerente do indivíduo, onde ele "instala" a sua visão, o seu modo de pensar e de sentir ao que é dito (mundo interno), e ele se relaciona com o mundo social (mundo externo). Disso resultam as marcas singulares na formação do indivíduo e na construção das crenças e dos valores compartilhados na superfície cultural que irão constituir a experiência histórica e coletiva dos grupos e das populações.

4.10 Breves discussões sobre as obras

A leitura dos textos que compõem os livros do *corpus* proporcionou observar comportamentos que revelaram a presença de expressões de preconceito e discriminação, manifestado por todos os narradores-personagens e por alguns personagens secundários. O número de ocorrências não foi computado, pois, não figurava entre os objetivos da pesquisa investigar enunciados de conteúdo especificamente relacionados a preconceito em qualquer que fosse a proporção. Porém, algumas passagens foram destacadas para demonstrar como aparecem na narrativa.

No entanto, foi preciso buscar algumas ideias sobre o tema para cruzar com o texto dos livros. A definição do Dicionário Caldas Aulete (2011, p. 1099), preconceito é: “Opinião ou ideia preconcebida sobre algo ou alguém, sem conhecimento ou reflexão; Atitude genérica de discriminação ou rejeição de pessoas, grupos, ideias etc., em relação a sexo, raça, nacionalidade, religião etc. [...]” Portanto, de acordo com o argumento de que a obtenção de informação é necessária para anular o prejulgamento nocivo, e desse modo instituir um processo de reflexão que resulta na consolidação do conhecimento que promove um equilíbrio racional. Contudo, é preciso lembrar que ninguém está imune aos preconceitos, pois, de alguma forma,

eles parecem permear o campo da ideação, o que pode ser revertido através do exercício racional permanente sustentado pelo senso crítico.

Outra definição de preconceito pode ser adquirida por meio de Japiassú e Marcondes (2006, p. 224) que afirmam ser:

Opinião ou crença admitida sem ser discutida ou examinada, internalizada pelos indivíduos sem se darem conta disso, e influenciando seu modo de agir e de considerar as coisas. O preconceito é constituído assim por uma visão de mundo ingênua que se transmite culturalmente e reflete crenças, valores e interesses de uma sociedade ou grupo social. O termo possui um sentido eminentemente pejorativo, designando o caráter irrefletido e frequentemente dogmático dessas crenças, que se revestem de uma certeza injustificada. [...]. Entretanto, é preciso admitir que nosso pensamento inevitavelmente inclui sempre preconceitos, originários de sua própria formação, sendo tarefa da reflexão crítica precisamente desmascarar os preconceitos e revelar sua falsidade.

Assim, é importante destacar que as personagens protagonistas dos livros aqui analisados expressam um juízo preconcebido, baseado em sua vivência anterior ao deslocamento e que mudam esse comportamento quando entram em contato com informações novas obtidas diretamente no ambiente de interação com o outro, operando mudanças (FERREIRA, 2017; BATESON, 2000) e assumindo uma nova postura, aceitando a diversidade cultural como marca de representação social legítima. Isso se aplica ao novo olhar lançado e a opinião formada sobre o país estrangeiro por onde passaram e/ou fixaram residência.

Em *Transplante de Menina*, de Tatiana Belinky, a narradora-personagem demonstra por meio de suas convicções que ela e sua família possuem caracteres superiores de distinção social. Portanto, uma garantia de valor, utilizando sinais de oposição encontrados na superfície da aparência das pessoas, subcaracteriza a gente do povo – pobre – e eleva os membros da classe média (burgueses), o que contribui para a interpretação de uma manifestação de preconceito e discriminação baseado na noção de estrato social:

A maioria das pessoas da terceira classe era gente do povo, camponeses, trabalhadores braçais, operários, gente pobre, fugindo da miséria e da falta de perspectivas da própria pátria, [...]. Ninguém era como nós, gente de classe média, de nível universitário, como a mamãe, [...] (BELINKY, 2008, p. 57).

O estranhamento causado por alguns aspectos mais particulares da cultura produziu, sob o efeito imediato das circunstâncias, um comentário maldoso, expressões, gestos e ações repletas de racismo, etnocentrismo, eurocentrismo, discriminação e preconceito, geralmente, veladas ou mesmo implícitas e sempre compartilhadas entre si, de modo que não fosse percebido por qualquer um que fosse alvo de tal ação e que estivesse diretamente envolvido no episódio. Talvez essa seja a questão a ser argumentada. A falta de oportunidade de defesa por parte de quem sofre o ataque.

No livro *De Moto pela América do Sul* de Ernesto Che Guevara, o narrador-personagem alterna comentários elogiosos e falas ofensivas sobre particularidades culturais dos povos que habitam os lugares por onde ele passou, utilizando uma definição – índio – que reflete o olhar eurocêntrico sobre o povo:

A noção um tanto quanto primitiva que os índios têm de higiene pode ser resumida no fato de que, independentemente do sexo ou da idade, eles fazem suas necessidades pelo caminho, as mulheres limpando-se em suas saias e os homens, nem isso, e continuam como se nada tivesse acontecido. As anáguas das índias com filhos são verdadeiros depósitos de excremento, já que elas passam o pano na bunda das crianças toda vez que estas se agacham (GUEVARA, 2001, p. 124).

Em *Sete Anos no Tibet* de Heinrich Harrer, o narrador-personagem acredita que o modelo de costume referente ao preparo de alimentos aceitável deve ser aquele adotado pelos europeus sendo qualquer outro de caráter, no mínimo, duvidoso. Assim, ele reflete (HARRER, 2017, p. 81): “Por questões de higiene, embora tivéssemos criados às ordens, cuidávamos, nós mesmos, de preparar a nossa comida”.

Nesse sentido, outra questão importante para ser discutida, é sobre a atribuição (e que muitos acreditam e aceitam) de níveis toleráveis de manifestação de preconceito e discriminação. Um ataque violento a integridade física é inadmissível, mas, muitas vezes, chamar alguém de “preto”, “china”, “amarelo”, “gordo”, “favelado”, “índio” e “pobre” pode ser relevado. O que na verdade funciona mais como um reforço ao mau comportamento e perpetuador de processos negativos para o desenvolvimento social.

A violência de uma bomba atômica, lançada sobre alvos civis numa guerra e a violência de proferir impropérios racistas ou discriminatórios a uma pessoa deve

ser considerado na mesma medida destrutiva e alcance negativo para a sociedade, ou seja, é tudo violência. É necessário reconsiderar conceitos tradicionais como nação, etnia, raça, crença, país, território – sem desprezar o significado representativo na composição de um repertório identitário cultural – sob o olhar da produção de conhecimento científico propagado na contemporaneidade que realiza estudos e apresenta resultados valorosos sobre um mundo cada vez mais, desfronteirizado, desterritorializado, de multiplicidades identitárias, que apresenta a configuração de um novo paradigma cultural.

A dimensão da pesquisa englobou também a perspectiva de uma *dupla* relação no que concerne a presença ativa e a voz responsável por narrar, entendido por Benjamin (1994, p. 1) como “[...] a faculdade de intercambiar experiências”, e ao mesmo tempo integrar o texto dos livros que compõem o *corpus*. Além disso, poderia ser admitida ainda uma *tripla* (e uma *quarta*, que emerge durante a leitura: o leitor) relação, quando se defronta com a existência do autor dos registros e referências aos dados, e sua devida influência na elaboração dos textos vertidos no conteúdo.

A adoção do termo narrador-personagem, com a posição de narrador em primeiro plano, ocorreu porque a sucessão relativa à dinâmica da ação narrada e percebida durante o exercício de leitura realizado pelo pesquisador, convergia para a voz do narrador que parecia, naquele momento, que fora privilegiado pelo autor, a manter aquela relação. No entanto, é necessário ponderar sobre outras definições para equilibrar essa proposição. Segundo Reales e Confortin (2011, p. 80, grifo nosso):

O *narrador* é uma *entidade fictícia*, enquanto o autor corresponde a uma entidade *real e empírica*. O *narrador* é aquela entidade que enuncia o discurso, ele protagoniza a comunicação narrativa. Não devemos confundir narrador com autor, aliás todas as entidades que fazem parte de uma narrativa literária são ficcionais mesmo que, às vezes, elas lembrem pessoas, lugares ou acontecimentos reais.

Entretanto, nos livros analisados durante a pesquisa, as personagens – Ernesto Che Guevara, Tatiana Belinky e Heinrich Harrer – são de carne e osso, são pessoas que vivenciaram realmente aquilo que se encontra nos textos.

Pensar a personagem no texto biográfico ou autobiográfico é bem diferente da maneira que se apresenta nas narrativas ficcionais. Para Moisés (1995, p. 50) uma definição coerente de autobiografia seria:

Grego autobiographía; autós, próprio, bíos, vida, gráphein, escrever. Biografia, ou história de uma vida, que o próprio escritor elabora. O vocábulo entrou em uso apenas no século XIX, se bem que a atividade literária por ele designada remonte aos primeiros séculos do Cristianismo, mais precisamente desde Santo Agostinho e suas Confissões, escritas no ano de 400. Difícil traçar o limite exato entre a autobiografia, as memórias, o diário íntimo e as confissões, visto conterem, cada qual a seu modo, o mesmo extravasamento do “eu”. Enquanto a autobiografia permite supor o relato objetivo e completo de uma existência, tendo ela própria como centro, as memórias implicam um à-vontade na reestruturação dos acontecimentos e a inclusão de pessoas com as quais o biógrafo teria entrado em contato. [...] ao passo que o diário constitui o registro do dia-a-dia de uma vida, quer dos eventos, quer das suas marcas na sensibilidade, as confissões decorrem do esforço de sublimar, pela auto retratação, as vivências dignas de transmitir ao leitor.

Desse modo, corroborando para compreender o contexto biográfico/autobiográfico analisado na pesquisa, no qual as personagens realizaram as ações e tomaram notas em diários, fizeram registros variados de suas proezas, no mundo real e concreto durante o percurso do deslocamento relatado na narrativa, e posteriormente converteram em texto literário, caracterizando assim, um relato autobiográfico em oposição às narrativas ficcionais, como pode ser entendido por Salema (1981, p. 56-58, grifo nosso):

[...] literatura de ficção, ou o que os ingleses chamam *prose fiction*, em contraste com o ensaio, a crítica, os livros de *memórias*, etc. Ficção é o termo que tem origem no verbo latino fingere, quer dizer, fingir, e também, representar e inventar. Quanto à narração, substantivo do adjetivo narrativo, é um vocábulo que vem igualmente do latim e, [...], significaria: exposição escrita e pormenorizada de uma série ou cadeia de fatos ou sucessos, apresentada sob forma literária. Estes [...] podem ser reais ou imaginários – mas é difícil distinguir o que, com efeito, corresponde à realidade daquilo que é produto da imaginação ou da fantasia. Nas *biografias*, nas *memórias*, nos *diários* íntimos, nem sempre se torna fácil discernir entre o real e o imaginário. O autor pode [...], idealizar e mitificar segundo seu capricho ou conveniência. O elemento subjetivo intervém, quer se queira quer não. [...] trata-se de confeccionar uma imagem, negativa ou positiva.

Portanto, não caberia destituir o valor da complexa relação dupla (e tripla: autor-narrador-personagem) de narrador-personagem, investigado nesse trabalho, de sua corporeidade, referência física de sua existência concreta. Nem tampouco, privar a personagem de seu protagonismo na abordagem teórica e literária tradicionais como elemento fundamental na narrativa, bem como destaca Reales e Confortin (2011, p. 18):

O personagem é um importante elemento da narrativa, pois ele é quem vivencia os fatos narrados, e em torno do qual, muitas vezes, organiza-se a economia narrativa. É muito importante [...] entender que um personagem é um “ser de papel” e não de “carne e osso” e, por esse motivo, ao ser

analisado é necessário levar em conta as outras instâncias, categorias e elementos que fazem parte da narração onde este personagem está inserido. Teóricos da narrativa insistem em frisar que um personagem é um signo e, por isso, para fins de análise, devemos observar a sua caracterização, o seu discurso, o seu modo de interligação com outros personagens e a sua função dentro da economia narrativa em questão. Podemos delimitar um personagem para observá-lo e descrevê-lo isoladamente, mas não devemos perder de vista a sua integração na rede de relações semânticas dentro da narrativa.

Porém, foi considerado o apelo à presença do narrador - em consonância à performance da personagem - imbuído de conduzir o fluxo narrativo no qual a personagem transita e veio a determinar um relevo que o fazia sobressair das outras camadas apresentadas como autor, personagem, porém sem desvirtuar a relação entre eles.

Além disso, a pesquisa buscou relacionar a literatura de viagem à mobilidade humana refletida em três modalidades distintas: a viagem, a migração e refúgio. Recorrendo a Benjamin (1994, p. 2) para revelar aspectos característicos da narrativa que sustentam esse argumento:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. "Quem viaja tem muito que contar", diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições.

Os três livros compõem relatos de experiências pessoais que provocaram impactos profundos na configuração existencial das personagens (autores e narradores) e de pessoas que figuraram em torno desse processo de trocas entre quem vem de longe com aquele que pertence ao lugar de destino.

O encontro entre esses dois grupos forja um ambiente oportuno de intercâmbio de informações. Nesse sentido, assumindo um tom mais radical, pode-se associar a concepção de produção de diferença elaborada por Gregory Bateson (1986) de que a informação consiste em "qualquer diferença que faz uma diferença", as ideias observadas em Bateson (2000), Anderson (2008), Ferreira, Albagli e Corsini (2017) e Ferreira (2018) para os quais a produção de diferença é um processo que se dá com base no contato contínuo como novas informações, afetos

e conhecimentos compartilhados na comunicação com o outro, e como afirma Benjamin (1994, p. 8): “ A informação só tem valor no momento em que é nova.”

Então, refletindo ainda sobre a mobilidade humana é preciso reconhecer que o indivíduo está sempre se deslocando, em movimento, em trânsito, entre pessoas e por paisagens geográficas, naturais ou artificiais, num contexto sociocultural heterogêneo e cada vez mais complexo do qual sobrevém situações novas que apresentam informações novas capazes de lhe proporcionar um novo aprendizado e nesse sentido, contribuir para o seu aperfeiçoamento. Melhor dizendo, as pessoas estão sempre mudando, ainda que nem sempre em um nível consciente porque viver nada mais é do que estar em movimento. E enquanto nos movimentamos nos tornamos outra pessoa porque podemos aprender algo novo todos os dias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo sobre como a narrativa literária em relação ao tema da mobilidade humana, expressa em suas diferentes modalidades e tendo como referência que as viagens figuram como experiências desencadeadoras de processos de mudança. Nesse sentido, o conteúdo textual narrativo foi analisado para contribuir com a compreensão sobre a questão do deslocamento sob o enquadramento conceitual da *produção de diferença* de Gregory Bateson e Benedict Anderson.

Além disso, a pesquisa seguiu uma linha interdisciplinar abrangendo conceitos da Ciência da Informação, Antropologia e Literatura articulando com outras áreas inclinadas aos estudos sobre deslocamentos humanos. Adotou-se, assim, uma abordagem qualitativa que demonstrou eficiência no procedimento de identificação e caracterização dos processos de mudança experimentados pelos narradores-personagens que alimentaram o *corpus* com suas obras.

A bibliografia utilizada correspondeu às expectativas teóricas e conceituais pretendidas para responder às questões formuladas e os objetivos definidos quando na fase da construção do projeto. Por sua vez, a Análise de Conteúdo (AC) por meio de categorias estruturadas em função da proposta da pesquisa possibilitou a identificação de ideias preconcebidas, estereótipos, modos de falar e percepções sobre a própria identidade que se converteram em indicadores dos processos de mudanças experimentados no percurso de deslocamento. Nesse ponto da pesquisa foi observado um grande número de dados originados das passagens textuais das narrativas que se enquadraram em quatro categorias elaboradas por meio da AC, o que levou à necessidade de prescindir de uma parte dos resultados obtidos e a optar por registrar somente 124 passagens neste trabalho para reduzir a amplitude das laudas na final da pesquisa. Entretanto, essa medida não desvirtuou os resultados da pesquisa; ao contrário, pôde demonstrar que as narrativas em prosa apresentam considerável profusão de detalhamento das experiências de mobilidade vivenciadas pelos narradores-personagens.

A pesquisa demonstrou por meio das análises apresentadas que a noção de produção de diferença também pode ser exercitada em obras literárias. Nesse sentido, também foi possível concluir que a obra literária consiste não somente em fonte de informação para a pesquisa sobre viagem, migração e refúgio, mas também

pode funcionar como recurso importante para ensinar/aprender sobre essas modalidades de deslocamento, sobretudo ao fornecer informações suficientemente detalhadas sobre a terra do outro, as subjetividades e as identidades das personagens protagonistas.

A mobilidade humana foi trabalhada na pesquisa por meio da exposição de três tipos específicos – viagem, migração e refúgio – encontrados nos livros que compuseram o *corpus*. Por sua relevância para os estudos migratórios nos dias de hoje, a mobilidade pode ser entendida como uma tendência consolidada diante dos horizontes da contemporaneidade englobando aspectos políticos, sociais e culturais. Portanto, ela não deve ser julgada ou preconcebida utilizando recortes reducionistas disseminados principalmente pela imprensa televisiva, que atinge um público numeroso, porque acaba funcionando mais como propulsores de preconceito, discriminação e ódio do que como fonte de informação sobre o sentido de se deslocar no mundo.

Assim, foi graças ao olhar analítico dos três tipos de deslocamentos vividos pelos autores que deram sustentação ao *corpus* combinados ao referencial teórico que este trabalho permitiu compreender a complexidade e a riqueza do deslocamento humano, notadamente com tudo o que pode ser aprendido por meio dele sobre a cultura do outro.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDERSON, Jon Lee. **Che Guevara**: uma biografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- AULETE, Caldas. **Novíssimo dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BARDIN, Laurance. **Análise de conteúdo**. 3. reimp. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAREL, Y.; CAUQUELIN, A. Concepts transversaux. *In*: SFEZ, Lucien. **Dictionnaire critique de la communication**. Paris: Presses Universitaires de France, 1993. v. 1, p.179-290.
- BATESON, Gregory. **Steps to an ecology of mind**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2000.
- BELINKY, Tatiana. **Transplante de menina**: da rua dos navios para a rua Jaguaribe. São Paulo: Uno, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BERGER, Peter L. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas**: uma visão humanística. 23. ed. Vozes, Petrópolis, 2001.
- CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. **O conceito de informação**. Perspectivas em Ciência da Informação. Belo Horizonte, vol. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v12n1/11.pdf>. Acesso em 08/10/2019. Acesso em: 14 jul. 2018.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: do conhecimento à ação política. Belém, Portugal: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 2006.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura; v. 2).
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- COCCO, Giuseppe. Introdução. *In*: LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial**: formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p 7-23.

CORSINI, Leonora. **Repensando a identidade no contexto das migrações. Psicologia & Sociedade.** Rio de Janeiro, n.18, p. 23 -33, set./dez. 2006.

DIRUSSO, Leslie. **Heinrich Harrer Limited Edition Portifolio.** 2007. Disponível em: <http://www.harrerportfolio.com/HarrerBio.html>. Acesso em: 10 jul. 2018.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese em Ciências Humanas.** 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

FERREIRA, Rubens da Silva. **Estudantes estrangeiros no Brasil:** migrações, informação e produção de diferença. Orientadora: Sarita Albagli. Coorientadora: Leonora Corsini. 2017. 291 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Rio de Janeiro, 2017.

FERREIRA, Rubens da Silva; ALBAGLI, Sarita; CORSINI, Leonora. Migração estudantil, informação e diferença: notas sobre comunidades virtuais no Facebook. **Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 3. p. 26, 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/30143>. Acesso em: 10 nov. 2019.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade.** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GODOY, Gabriel Gualano de. Refúgio e trânsito de afetos. *In*: LUSI, Carmen (org.). **Migrações Internacionais:** abordagens de direitos humanos. Brasília, DF: CSEM, 2017. (Série Migrações; 20).

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis. 10. ed. Vozes, 2002.

GOMES, José Manoel Sita. **Estudantes na terra dos outros:** a experiência dos universitários angolanos da Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil. Belo Horizonte, 2002, 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/2120/1/tese.pdf>. Acesso em: 23 set. 2019.

GUATTARI, Felix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** Cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis. Vozes, 1996.

GUEVARA, Ernesto. **De moto pela América do Sul:** diário de viagem. 2. ed. São Paulo: Sá Editora, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HARRER, Heinrich. **Sete anos no Tibet.** 1. reimp. São Paulo: L&PM, 2017.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HORNBY, A.S. **Oxford Advanced Learner's Dictionary**. 8. ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

JAHN, Manfred. **Narratology**: a guide to the theory of narrative. English Department, University of Cologne, 2017.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LAZZARATO, Maurício; NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial**: formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito: subjetividade e identidade. **Interações**, Santa Catarina. v. 7, n. 13, p. 31-44, jan./jul. 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v7n13/v7n13a03.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

MARTELETO, Maria Regina. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1. p. 71/81, jan./abr. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>. Acesso em: 5 out. 2019.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literário**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

NEGRI, A. **Cinco lições sobre Império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. **Glossário sobre migração**. Genebra, 2009.

PASQUINELLI, Mateo. Capitalismo macchinico e plusvalore di rete: note sull'economia politica della macchina di Turing. **Uninomade**, nov. 2011. Disponível em: <http://www.uninomade.org/capitalismo-macchinico>. Acesso em: 07 maio 2018.

RITA, Anabela. **Em viagem pela "literatura de viagens" nas comemorações de 500 anos do achamento do Brasil**. Lisboa: CLEPUL, 2013.

ROVERI, Sérgio. **E quem quiser que conte outra história**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. (Coleção Aplauso perfil).

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SALEMA, Álvaro. **O que é literatura**. Rio de Janeiro: Salvat, 1981. (Coleção Biblioteca Salvat de grandes temas).

UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1998. Disponível em : <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139423>. Acesso em: 12 ago. 2019.

VARGAS, Simone Luciano. Memória e ficção histórica em transplante de menina de Tatiana Belinky. **Littera Online**, São Luís, n. 12, 2016. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/5701>. Acesso em: 13 nov. 2019.